

Universidades Lusíada

Gomes, Filipa Manuela Costa Correia

Do espaço público tradicional à sua função na cidade contemporânea

<http://hdl.handle.net/11067/325>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	O estudo da compatibilidade entre a lógica urbana contemporânea e o espaço público tradicional, tem como objectivo perceber a relação entre este, as pessoas e as diferentes actividades a que este assiste na cidade contemporânea. Assim, através de um exemplo real, analisou-se a relação das diferentes vivências no espaço público e o modo como os seus elementos interferem na forma e intensidade de utilização deste. Posto isto, percebemos que o espaço público tradicional pode ser compatível com os m...
Palavras Chave	Espaço público, Planeamento urbano
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T02:28:37Z com informação proveniente do Repositório



DO ESPAÇO PÚBLICO TRADICIONAL À SUA FUNÇÃO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA.

DO ESPAÇO PÚBLICO TRADICIONAL À SUA FUNÇÃO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA.

Filipa Manuela Costa Correia Gomes





UNIVERSIDADE LUSÍADA DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DO ESPAÇO PÚBLICO TRADICIONAL À SUA FUNÇÃO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Filipa Manuela Costa Correia Gomes

Orientador: Professor Dr. Francisco Peixoto Alves
Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Vila Nova de Famalicão, 2009

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	I
ÍNDICE FIGURAS	II
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
PALAVRAS CHAVE	X
INTRODUÇÃO	XI

CAPÍTULO I – O espaço público da antiguidade à cidade contemporânea.

1 Origem do espaço público.	14
1.1 O espaço público na cidade ancestral.	14
1.2 O espaço público na pólis grega.	15
1.3 O espaço público na cidade romana.	18
1.4 O espaço público no período medieval.	19
1.5 O espaço público no período renascentista.	21
2 Elementos morfológicos do espaço público.	22
3 Dimensões no espaço público.	29
3.1 Funcionais	29
3.2 Estéticas	31
3.3 Simbólicas	32
4 Valores, identidade e desenho.	33

CAPÍTULO II – Espaço público na cidade contemporânea.

1 A mutação contextual.	39
1.1 Período moderno.	39
1.2 Nos dias de hoje.	40
2 O Desenho e a identidade.	43
3 O Caso do campo da vinha em braga.	45
3.1 Evolução da estrutura urbana e espaços públicos.	46
3.2 Análise dos elementos componentes do espaço público.	50
3.3 O espaço público de braga e as pessoas.	62
3.4 Conclusão.	65
4 Contributo para o melhoramento do espaço público.	66

CONCLUSÃO	73
-----------------	----

BIBLIOGRAFIA	75
--------------------	----

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que de uma forma ou de outra, foram ajudando anonimamente nas inúmeras discussões ao longo deste ano. Ao meu orientador Exmº Senhor Professor Doutor Architecto Francisco Peixoto Alves, a quem muito agradeço a liberdade de pensamento que me concedeu, a tolerância com que me acompanhou todo este tempo e o modo decisivo como encaminhou o seu progresso. Ao Fred pelo incansável apoio moral e importantes discussões que aumentaram consideravelmente a qualidade deste trabalho.

Índice de Figuras

Fig. 1 – BABILÓNIA - O interior da muralha encontra-se ordena, em contra partida o exterior não tem qualquer tipo de ordenamento. Autor: Andrew Chugg.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://www.alexanderstomb.com/main/images/tombstory/fig1babylon1736a.JPG](http://www.alexanderstomb.com/main/images/tombstory/fig1babylon1736a.JPG)

Fig. 2 – BABILÓNIA – Os principais eixos além de terminarem no rio definem as oito portas da cidade. Autor: Michael Stevenson.

Disponível no dia: Junho 09

Fontes: [Http://www.circlegame.com/jpg/babylon.jpg](http://www.circlegame.com/jpg/babylon.jpg)

Fig. 3 – ACRÓPOLE DE ATENAS – O espaço público assume-se como principal organizador da cidade.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://lh5.ggpht.com/bqp8BoxDWgw/R7VLNvgVBXI/AAAAAAAAADVA/5F6Emep03s/Olympos.jpg](http://lh5.ggpht.com/bqp8BoxDWgw/R7VLNvgVBXI/AAAAAAAAADVA/5F6Emep03s/Olympos.jpg)

Fig. 4 - TEATRO NA GRÉCIA ANTIGA – Espaço de actividades e interacção social. Autor: Cristão Renovart.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://1.bp.blogspot.com/_sARnXq07rec/SXY9HsOCm9I/AAAAAAAAAYQ/37cGt7PXUCU/s400/epidauro.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_sARnXq07rec/SXY9HsOCm9I/AAAAAAAAAYQ/37cGt7PXUCU/s400/epidauro.jpg)

Fig. 5 - OLYMPOS – Espaço de actividades e interacção social.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://2.bp.blogspot.com/_4z_jJZ0oPBs/SZ-hb6B5nSI/AAAAAAAAAw/t0_bxlBN-4/s400/Atenas%271896.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_4z_jJZ0oPBs/SZ-hb6B5nSI/AAAAAAAAAw/t0_bxlBN-4/s400/Atenas%271896.jpg)

Fig. 6 - PLANIMETRIA DE MILETO – Os edifícios e lugares públicos centrais, rompem a quadrícula destinada à habitação.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://www.dearqueologia.com/grecia_arcaica/mileto_plano.jpg](http://www.dearqueologia.com/grecia_arcaica/mileto_plano.jpg)

Fig. 7 – PLANO DE ÓSTIA - Localização dos edifícios e das diferentes actividades urbanas.

Disponível no dia: Setembro 09

Fonte: [Http://www.ostia-antica.org/dict/topics/bakeries/bakdis1.gif](http://www.ostia-antica.org/dict/topics/bakeries/bakdis1.gif)

Fig. 8 – ROMA - A malha da cidade era interrompida pelos seus principais edifícios públicos.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://dl.coastline.edu/classes/internet/art100/images/AACHEB10.jpg](http://dl.coastline.edu/classes/internet/art100/images/AACHEB10.jpg)

Fig. 9 – CIDADE DE ÉVORA – Núcleo medieval, as muralhas e a expansão exterior.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://www.cm-evora.pt/NR/rdonlyres/00007195/ophpawylupverjrylhgmpqxfkszkcdi/Anexo20I_alteracao.jpg](http://www.cm-evora.pt/NR/rdonlyres/00007195/ophpawylupverjrylhgmpqxfkszkcdi/Anexo20I_alteracao.jpg)

Fig. 10 – PLANO DE ROMA – A rua deixa de ser somente funcional, valorizando questões estéticas e de perspectiva. Autor: Alessandro La Rocca.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://www.laboratorioroma.it/ALR/Piazza%20Popolo/piazza%20del%20popolo.htm](http://www.laboratorioroma.it/ALR/Piazza%20Popolo/piazza%20del%20popolo.htm)

Fig. 11 – PRAÇA DE S. PEDRO – A praça adquire valor simbólico e artístico, servindo de enquadramento de monumentos.

Disponível no dia: Abril 09

Fonte: [Http://www.romeguide.it/foto/ROMASPARITA/scomparsa.jpg](http://www.romeguide.it/foto/ROMASPARITA/scomparsa.jpg)

Fig. 12 – LISBOA - Diferentes níveis de percepção do espaço: Dimensão Territorial.

Disponível no dia: Agosto 09

Fonte: [Http://maps.google.pt](http://maps.google.pt)

Fig. 13 – RUA - A rua como espaço de interacção social.

Disponível no dia: Abril 09

Fonte: [Http://www.saojudasnu.blogspot.com.br/rua%2015%20de%20novembro%201900%20Guilherme%20Gaensly.jpg](http://www.saojudasnu.blogspot.com.br/rua%2015%20de%20novembro%201900%20Guilherme%20Gaensly.jpg)

Fig. 14 – RUA - A rua como espaço de interacção social. Autor: Ricardo Costa

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/catwalk_foto2631608.html](http://olhares.aeiou.pt/catwalk_foto2631608.html)

Fig. 15 – ROTUNDA DA BOAVISTA – A praça enquanto espaço de estar e organizador da estrutura urbana.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Http://www.bing.com/maps/](http://www.bing.com/maps/)

Fig. 16 – A CIDADE - O quarteirão como organizador da estrutura urbana.

Disponível no dia: Abril 09

Fonte: [Http://www.portovivosru.pt/backoffice/modulos/noticias/imagens/299.jpg](http://www.portovivosru.pt/backoffice/modulos/noticias/imagens/299.jpg)

Fig. 17 – A CIDADE - O quarteirão como organizador da estrutura urbana.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://www.bing.com/maps/](http://www.bing.com/maps/)

Fig. 18 – ALIADOS - O edifício como elemento configurador do espaço público.

Disponível no dia: Setembro 09

Fonte: [Http://www.residencialaliados.com/2008/index_pt.htm](http://www.residencialaliados.com/2008/index_pt.htm)

Fig. 19 – ROMA - A individualidade e expressão do edifício influenciam o espaço que o rodeia. Autor: André Viegas

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/roma_1bw_foto2275857.html](http://olhares.aeiou.pt/roma_1bw_foto2275857.html)

Fig. 20 – PRAÇA DA LIBERDADE – Lugar de manifestações sociais e enquadramento de monumentos. Autor: Gonçalo Pereira

Disponível no dia: Abril 09

Fonte: [Http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/PortoPostais/006_Porto.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/PortoPostais/006_Porto.jpg)

Fig. 21 – PRAÇA DO ROSSIO – Lugar de manifestações sociais e enquadramento de monumentos.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://www.panoramio.com/photo/5516030](http://www.panoramio.com/photo/5516030)

Fig. 22 – TORRE DE BELÉM – Elemento de significação cultural, como meio de embelezamento urbano.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/torre_de_belem_foto558164.html](http://olhares.aeiou.pt/torre_de_belem_foto558164.html)

Fig. 23 – AQUEDUTO – Elemento que transcende a sua função inicial, meramente utilitária.

Disponível no dia: Abril 09

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/o_aqueduto_ii_continuacao_foto449783.html](http://olhares.aeiou.pt/o_aqueduto_ii_continuacao_foto449783.html)

Fig. 24 – ROMA - Evolução da cidade tendo como elemento estruturante os espaços públicos.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Edmund N. Bacon in Richard LAMB \(2004: 10\)](#)

Fig. 25 – A RUA - Interacção social proporcionada pela configuração do próprio espaço.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://i.olhares.com/data/big/170/1709584.jpg](http://i.olhares.com/data/big/170/1709584.jpg)

Fig. 26 – PARAGEM DE AUTOCARRO - O espaço público como reflexo de uma cultura individualista.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://images.artnet.com/artwork_images_89028_188798_saul-leiter.jpg](http://images.artnet.com/artwork_images_89028_188798_saul-leiter.jpg)

Fig. 27 – ESTÉTICA - A arquitectura como ligação das diferentes regras de composição.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/foto2153369.html](http://olhares.aeiou.pt/foto2153369.html)

Fig. 28 – PORTO - Diferentes vivências, como formas de participação no espaço público.

Disponível no dia: Maio 09

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/porto_seguro_foto2436219.html](http://olhares.aeiou.pt/porto_seguro_foto2436219.html)

Fig. 29 – GREVE - Diferentes vivências, como formas de participação no espaço público.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/por_um_futuro_risonho_foto2359046.html

Fig. 30 – NEW YORK – A massificação leva a substituição de uma identidade colectiva, por uma mais individual.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/new_york_foto1283428.html

Fig. 31 – BRAGA - O carácter atribuído ao espaço público faz com que a sua identidade seja mais reforçada.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: http://images.delcampe.com/img_large/auction/000/045/187/076_001.jpg

Fig. 32 – PRAÇA DE S. MARCOS DO SÉC. XIV AO XIX – Evolução do espaço público em função de um edifício.

Fonte: [Edmund N. Bacon in Richard LAMB \(2004: 14\)](#)

Fig. 33 – PLANO DE BARCELONA 1859 – A quadricula deixa de ser um limite cadastral para também assumir o carácter de espaço público. Autor: Damier Newton

Disponível no dia: Abril 09

Fonte: <http://la.streetsblog.org/wp-content/uploads/cerda.jpg>

Fig. 34 – NOVA IORQUE – O crescimento acelerado das cidades, leva-nos à não precisão dos seus limites.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/new_york_empire_foto1788293.html

Fig. 35 – PARQUE DAS NAÇÕES – Espaços públicos actuais, característicos pelas suas grandes dimensões.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/expo_98_foto1340896.html

Fig. 36 – IDENTIDADE - Espaços descaracterizados devido à mudança de valores e hábitos sociais.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/st_foto2455819.html

IV

Fig. 37 – IDENTIDADE - Espaços descaracterizados devido à mudança de valores e hábitos sociais.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/luz_ao_fundo_do_tunel_foto2623858.html

Fig. 38 – CAMPO DA VINHA - Vista Aérea.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: <http://www.bing.com/maps/>

Fig. 39 – PLANTA DE BRAGA – Localização do campo da vinha e da Muralha Medieval.

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 40 – A PRAÇA – A feira no Campo da Vinha.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: <http://old.bpb.uminho.pt/eventos/19990720/fotoarcelino2.JPG>

Fig. 41 – A PRAÇA - A praça como espaço de actividades.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: <http://img12.imageshack.us/img12/7193/357001.jpg>

Fig. 42 – 1594 - Nova "Bracaræ Auguste descriptio".

Fonte: [Fonte Desconhecida](#)

Fig. 43 – SÉC. XVIII – Mapa da cidade de Braga primas – Autor: André Ribeiro

Disponível no dia: Junho 09

Fonte:

<http://media.photobucket.com/image/mappa%20da%20cidade%20de%20braga%20primas/nop57751/Braga/BragaGravura1.jpg>

Fig. 44 – BRAGA – Planta da cidade de Braga.

Fonte: [Fonte Desconhecida](#)

Fig. 45 – SÉC. XIX - Planta da cidade de Braga - Autor : belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel.

Disponível no dia: Junho 09

Fonte: <http://media.photobucket.com/image/mappa%20da%20cidade%20de%20braga%20primas/nop57751/Braga/BragaGravura2.jpg>

Fig. 46; 47 – O PAVIMENTO - Pavimentos deformados devido à grande afluência de Carros.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 48; 49 - O PAVIMENTO - Utilização de diferentes tipos de Pavimentos.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 50; 51 – O PARQUE - Acessos ao Parque de Estacionamento subterrâneo.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 52; 53 – O EDIFÍCIO - Diferentes épocas, diferentes atitudes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 54; 55 – A RUA - Actividade Comercial em Pisos rés-do-chão.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 56; 57 – A FACHADA - Restauros e aumentos nas fachadas dos edifícios.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 58; 59 – O EDIFÍCIO - Degradação de alguns edifícios existentes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 60; 61 – A RUA - Diferentes tipos de vias.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 62 – A PRAÇA - Praça enquanto espaço de estar.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 63 – A PRAÇA - Praça enquanto espaço de contemplação.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 64 a 66 – O MONUMENTO - O monumento adquire diferentes tipos de atitudes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 67; 68 – A VEGETAÇÃO - Diferentes formas de utilização dos espaços verdes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 69; 70 – A VEGETAÇÃO - Diferentes formas de utilização dos espaços verdes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 71; 72 – A ILUMINAÇÃO - Diferentes tipos de iluminação.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 73; 74 – A PUBLICIDADE - Elementos publicitários pontuais.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 75 a 77 – MOBILIARIO URBANO - Exemplos de mobiliário utilizado.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 78; 79 – A FONTE - As fontes como forma de criar diferentes ambientes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 80; 81 – MOBILIARIO URBANO - Espaços distintos requerem protecções distintas.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 82; 83 – JOGOS - Locais de diversão expostos às diferentes condições climáticas.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 84 a 86 – MOBILIARIO URBANO - Localização das diversas caixas de Instalações existentes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 87; 88 – COBERTURAS- Exemplos de Coberturas existentes.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 89 a 91 – MOBILIARIO URBANO - Exemplos de mobiliário urbano existente.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

VI

Fig. 92 – A PRAÇA - Espaço Público enquanto local de Lazer e convívio.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 93; 94 – ACTIVIDADES URBANAS - Diferentes formas de utilização do espaço.

Fotografia tirada em: Junho 09

Fonte: [Produção Própria](#)

Fig. 95 - PARQUE DAS NAÇÕES – Exemplo de um lugar de perfeita interacção entre pessoas e o espaço público.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9772183](http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9772183)

Fig. 96; 97 – PARQUE DAS NAÇÕES - O espaço como local de diversas actividades.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Luiz Trigueiros; Claudio Sat; Cristina Oliveira, \(1998: 58;113\)](#)

Fig. 98 – ALAMEDA DOS OCEANOS - Aos veículos é deixado o mínimo espaço possível para a sua circulação.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9772183](http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9772183)

Fig. 99 – ALAMEDA DOS OCEANOS - Os peões dispõem de largos passeios sombreados por filas de árvores.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Http://lh5.ggpht.com/_3z-zYqo0ZZg/ScAmxFHglFI/AAAAAAAAA_4/MtHbubMcDBI/IMGp0861.JPG](http://lh5.ggpht.com/_3z-zYqo0ZZg/ScAmxFHglFI/AAAAAAAAA_4/MtHbubMcDBI/IMGp0861.JPG)

Fig. 100 a 102 – PAVIMENTOS – Adequação dos materiais ao tipo de espaço e função a que se destina.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Paisea Nº 2 \(2007: 40\)](#)

Fonte: [Http://ic2.pbase.com/t6/21/4921/4/16618631.RqIzZQmr.jpg](http://ic2.pbase.com/t6/21/4921/4/16618631.RqIzZQmr.jpg)

Fig. 103; 104 – PAVIMENTOS – O desenho aliado ao tipo de material define o carácter do espaço.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Paisea Nº 2 \(2007: 40\)](#) Fonte: [Paisea Nº 4 \(2008: 38\)](#)

Fig. 105; 106 – VEGETAÇÃO – Vegetação como elemento definidor do espaço.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: www.googleearth.com

Fonte: [Paisea Nº 2 \(2007: 24\)](#)

Fig. 107; 108 – VEGETAÇÃO – O tipo de vegetação contribuem para o conforto do espaço

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Http://www.parqueexpo.pt/SiteCollectionImages/Publica%C3%A7%C3%B5es/Arvores%20Parque%20Nacoes.jpg](http://www.parqueexpo.pt/SiteCollectionImages/Publica%C3%A7%C3%B5es/Arvores%20Parque%20Nacoes.jpg)

Fonte: [Paisea Nº 2 \(2007: 24\)](#)

Fig. 109; 110 – PARQUE DAS NAÇÕES - Conjugação dos diferentes elementos cria uma unidade espacial.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Luiz Trigueiros; Claudio Sat; Cristina Oliveira, \(1998: 156: 207\)](#)

Fig. 111; 112 – MOBILIÁRIO URBANO – A localização do mobiliário urbano varia e atribui ao espaço momentos e situações distintas.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Paisea Nº 2 \(2007: 16: 46\)](#)

Fig. 113; 114 – MOBILIÁRIO URBANO – A existência de mobiliário urbano valoriza o espaço e oferece-lhe um maior nível de conforto e qualidade.

Disponível no dia: Outubro 09

Fonte: [Http://www.pbase.com/diasdosreis/image/16647249](http://www.pbase.com/diasdosreis/image/16647249)

Fonte: [Luiz Trigueiros; Claudio Sat; Cristina Oliveira, \(1998: 194\)](#)

Resumo

O estudo da compatibilidade entre a lógica urbana contemporânea e o espaço público tradicional, tem como objectivo perceber a relação entre este, as pessoas e as diferentes actividades a que este assiste na cidade contemporânea. Assim, através de um exemplo real, analisou-se a relação das diferentes vivências no espaço público e o modo como os seus elementos interferem na forma e intensidade de utilização deste. Posto isto, percebemos que o espaço público tradicional pode ser compatível com os modos de vida contemporâneos se houver um maior cuidado a nível do desenho e da adequação entre este e as diferentes vivências humanas. Desta forma pretendemos contribuir para o melhoramento do desenho do espaço público e para uma melhor integração deste na lógica de vida actual.

Abstract

The study of compatibility between the contemporary urban logic and the traditional urban space aims at understanding the relationship between this people and their various activities that it assists in the contemporary city. Like this, through a real example, we analyzed the relationship of the different experiences in public space and how its components interfere with the shape and intensity of use of this. That said, we realize that the traditional public space can be compatible with contemporary lifestyles if there is a very carefully at the design and the fit between this and the different life experiences. This way we intended to contribute for the improvement of the design of public space and a better integration of this in the logic of modern life.

Introdução

O fenómeno urbano encontra a máxima expressão no espaço físico que configura o designado espaço público urbano. Este, embora se percepcione por via da sua dimensão física, funda-se em valores de ordem social, política, económica e cultural. Estes valores constituem o verdadeiro território do espaço urbano. O tema baseia-se na evolução do espaço público tradicional até à cidade contemporânea, ou seja, pretende-se estudar o espaço público num contexto mais funcional e arquitectónico, mas relacionando-o com todo um contexto social que lhe dá razão de ser.

As cidades encontram-se num constante e incontornável desenvolvimento, devido ao grande crescimento tecnológico, e consequentemente o seu espaço público torna-se cada vez mais em mero espaço de circulação e de organização morfológica estrutural do tecido urbano da cidade, tornando-a em dormitório e objecto de consumo rápido. Se retrocedermos algumas décadas, toda a rua era espaço público, era possível parar na rua para conversar em zonas de escasso trânsito. Contudo, com o passar dos tempos, este espaço veio a transformar-se, sendo ocupado pela intensidade do trânsito, e também pelos novos negócios urbanísticos. Cada vez mais se tem vindo a perder o carácter de ponto de encontro e de interacção social das comunidades, tradicionalmente atribuído ao espaço público, aumentando o processo de individualização e transformação das actividades comerciais e vivências quotidianas. O cidadão passa a ser o simples consumidor, e o comércio transforma-se no eixo em torno do qual se organiza a vida.

XI

Em face disto, algumas questões se colocam: Pode o espaço público tradicional ser incompatível com a lógica urbana contemporânea? São os espaços públicos os melhores suportes do processo de socialização colectiva? Terá ainda este, um papel dinamizador nas diferentes actividades sociais, económicas e ambientais? Quais os reais benefícios que ainda oferece aos seus utilizadores?

De forma a ver respondidas estas inquietações inicialmente efectuamos uma pesquisa documental, de âmbito mais alargado, de textos relacionados com o espaço público, levando-nos a precisar o foco temático da abordagem. Seguidamente efectuamos nova pesquisa mais dirigida aos aspectos estruturadores da problemática em apreço em que uma parte inscreve-se, no estudo de campo, ou seja o estudo de um caso em particular com o objectivo de proporcionar uma opinião mais focada sobre a problemática em questão. Posto isto estruturamos então o nosso trabalho em duas partes.

Na primeira a abordagem à temática é feita de forma mais restrita, ou seja, abordar-se-á, mais concretamente o tema espaço público na antiguidade, a sua origem e morfofunções, fazendo referência às suas dimensões, valores, identidade e desenho.

Na segunda parte o tipo de abordagem é a mesma, contudo o tema refere-se ao espaço público na cidade contemporânea, onde através de um exemplo real transversal aos dois períodos de tempo, tentamos perceber a relação entre o espaço público, as pessoas e as diferentes actividades existentes nele. Isto permite-nos perceber a evolução do espaço público e identificar alguns dos seus problemas, para posteriormente darmos o nosso contributo para o seu melhoramento.

1 Origem do espaço público

Desde os tempos bíblicos, os espaços de interação social eram de uma grande importância. Mesmo quando questões relacionadas com planeamento não faziam parte do pensamento do homem, este sempre sentiu necessidade de se relacionar e consequentemente desenhar espaços para esse fim. Desta forma começa-se a perceber a verdadeira necessidade da existência de um espaço destinado a diferentes práticas sociais, que mais tarde iria ser denominado de espaço público.

1.1 O Espaço Público na Cidade Ancestral

As primeiras civilizações surgiram há cerca de 3000 anos a.C. em diversos lugares da Ásia e África. Destas culturas, conhecemos poucos restos de cidades. O que permaneceu foram basicamente os monumentos religiosos, que devido ao seu grande número, acabavam por construir verdadeiras cidades templos, com importantes espaços públicos pontuados por avenidas e praças colossais, onde era o comércio que comandava a evolução do próprio espaço. A distinção entre a cidade e o campo é determinada pela muralha (Fig. 1: 15), onde se estabeleciam as trocas comerciais de controlo acentuado.

O celeiro e o mercado, devido ao seu grande interesse, como fornecimento, armazenamento e distribuição, passaram a ser as primeiras demonstrações de interferência na criação da forma urbana e consequentemente do espaço público. Até que a cidade passasse a ter as dimensões de uma metrópole, só foi necessário um maior desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transacção de produtos. Contudo, a intervenção da política, da cultura e da religião, vieram condicionar os modos de vida e consequentemente os espaços de interação do indivíduo com a própria cidade. Esta situação verifica-se na cidade da Babilónia (séc. VI a.C.), um dos principais exemplos, das primeiras preocupações do homem com o espaço. Era uma cidade atravessada pelo rio Eufrates e era constituída por uma malha ortogonal onde os principais eixos tinham fim no rio (Fig. 2: 15). Dentro desta, as vivendas chegavam a ter de 3 a 4 pisos e nos seus ângulos, as torres marcavam os pontos cardeais. Numa das

margens do rio encontrava-se o palácio real e sobre a outra, o templo. O palácio do rei encontrava-se no meio da cidade e geralmente junto a uma praça. Era um dos centros de vida da cidade, onde se exerciam de forma mais notória as funções atribuídas ao espaço público. Uma das suas principais características passa pelo seu conjunto geométrico, onde na posição central encontramos o santuário e os excêntricos palácios, que se ligavam à cidade por avenidas e cursos de água. As principais vias, seguem uma trama geométrica, enquanto os bairros não entram neste sistema de planificação. Já se torna patente a preocupação do homem em criar espaços onde a sociedade possa interagir entre si, mesmo que o objectivo seja o da contemplação a algum elemento marcante, ou seja, o espaço público passa a ser parte integrante do processo de socialização.

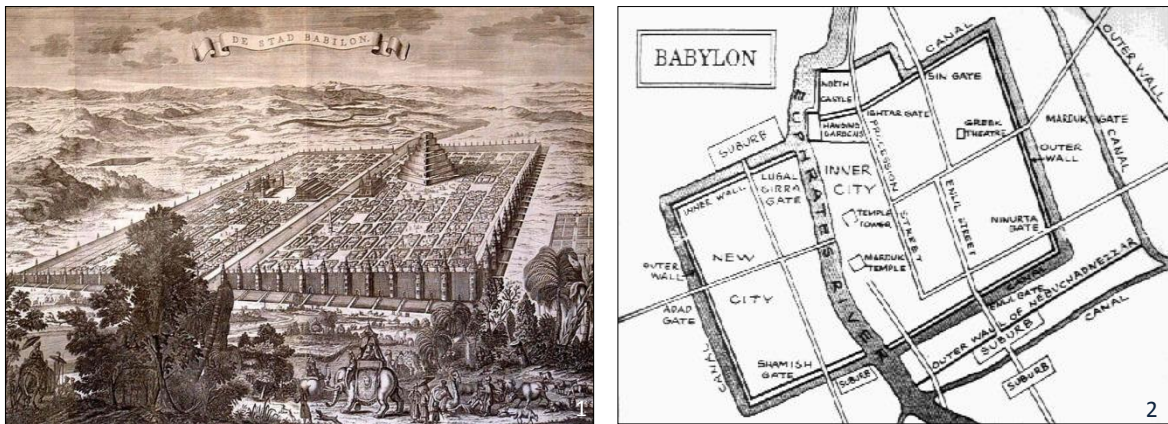


Fig. 1; 2 – Babilónia - Os principais eixos além de terminarem no rio definem as oito portas da cidade.

Fonte: <http://www.alexanderstomb.com/main/images/tombstory/fig1babylon1736a.JPG>

Fonte: <http://www.circlegame.com/jpg/babylon.jpg>

1.2 O Espaço Público na Pólis Grega

O desenvolvimento da cidade grega trouxe bastantes mudanças na questão de organização da cidade, começando a surgir uma distribuição mais ordenada. Foi com a necessidade de protecção dos camponeses que se deu esta grande alteração. Construiu-se uma fortaleza numa colina central do vale, e com o passar do tempo, a população abandonou as aldeias para se instalar perto das muralhas, dando origem a cidades independentes umas das outras, as quais se denominavam Pólis. Com o surgimento desta, a partir do séc. VIII a.C. e com o renascimento do comércio, acaba o isolamento das aldeias e dão-se várias

transformações a nível da cidade, principalmente a nível do espaço público, passando a ser a Ágora (Praça pública), o local mais importante, onde o comércio evolui e a vida em sociedade acontece. A sua função social e política, adquire cada vez mais importância e os edifícios públicos, geralmente situados à volta da Ágora na qual o mercado passou logo a constituir o verdadeiro centro político da cidade, formam uma espécie de remate arquitectónico tornando-se conformadores do espaço público (Fig. 3).

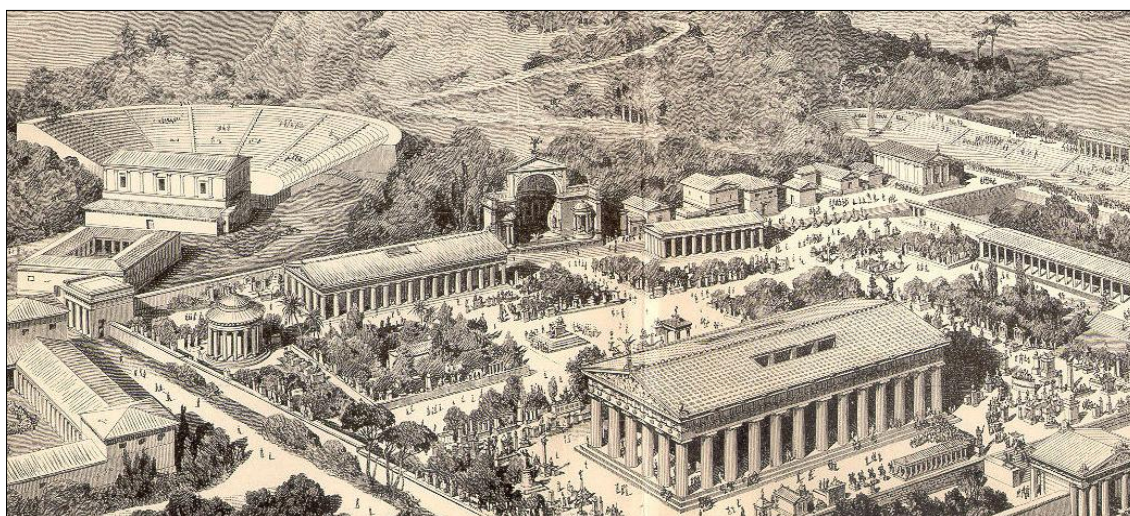


Fig. 3 – Acrópole de Atenas – O espaço público assume-se como principal organizador da cidade.

Fonte: <http://lh5.ggpht.com/bqp8BoxDWgw/R7VLNvgVBXI/AAAAAAAAADVA/5F6Emep03s/Olympos.jpg>

Desta forma, os espaços religiosos começam-se a distinguir dos espaços de diálogo que estão presentes na Ágora. Esta divisão intensificou-se com o aparecimento de outros espaços públicos, como as praças e as ruas. Outro factor importante dentro da cidade grega era o que correspondia às diversões, mais propriamente teatros ao ar livre e estádios (Fig. 4; 5: 17). A cidade tinha deixado de ser o amontoado de casas humildes dominadas pelo palácio/templo de um rei para se converter numa estrutura mais complexa onde pontificavam os elementos destinados a uma utilização geral: as praças, os mercados, os pórticos, os edifícios da administração pública, os teatros, etc. Desta forma, começa-se a dar uma maior importância à vida em sociedade, e o espaço público passa a ser um lugar de destaque na utilização da própria cidade.



Fig. 4 - Teatro na Grécia Antiga – Espaço de actividades e interacção social.

Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_sARnXq0Zrec/SXY9HsOCm9I/AAAAAAAAAYQ/37cGtZPXUCU/s400/epidauro.jpg



Fig. 5 - Olympos – Espaço de actividades e interacção social.

Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_4z_jJZ0oPBs/SZ-hb6B5nSI/AAAAAAAAAw/t0_bxlBN-4/s400/Atenas%271896.jpg

Em 510 a.C., surge o urbanista, Hipódamo de Mileto, que estabeleceu normas revolucionárias para a construção das cidades, como a sua ordenação a partir de uma rede ortogonal. Como exemplo surge a cidade de Mileto, caracterizada pelo contorno sinuoso do promontório que avança pelo mar dentro, local onde se implantou a cidade. Esta é constituída por duas partes distintas, uma de quadrícula menor, na parte mais estreita e outra maior na base da península. No meio como que a junta-las, encontra-se o conjunto de edifícios mais representativos, a Ágora e o Mercado, que desempenham a função de espaço público. Os traçados são constituídos por ruas com colunas e praças soberbas. Contudo o que tem de interessante esta cidade, é que as praças vão-se relacionando entre si (Fig. 6: 18), e a sua localização em relação às vias de tráfego, são muito interessantes sob o ponto de vista da composição urbana, uma vez

que estas se encontram ligadas de forma a romper a monotonia da quadrícula, formando uma sucessão de espaços públicos que, pouco a pouco, ocuparam o seu lugar no traçado regular e suportam os principais edifícios públicos.

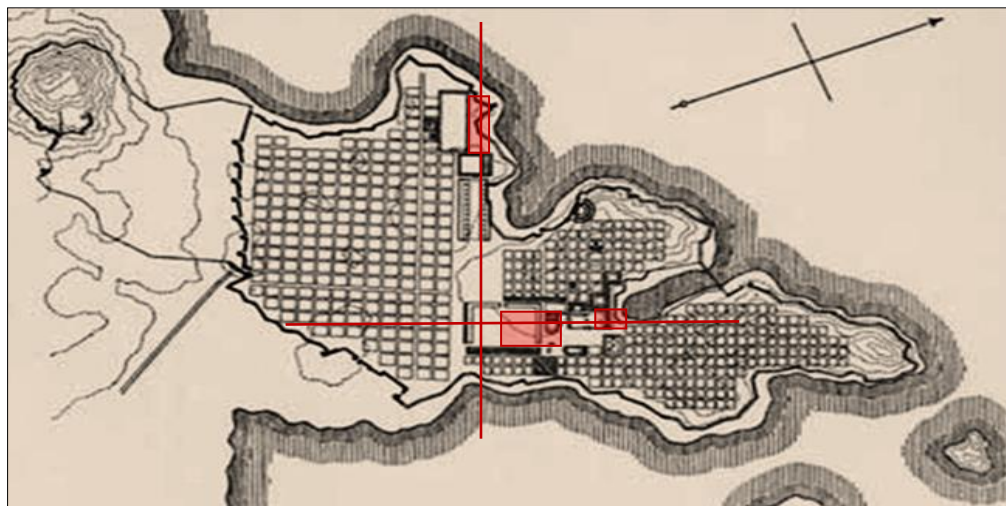


Fig. 6 – Planimetria de Mileto – Os edifícios e lugares públicos centrais, rompem a quadrícula destinada à habitação. **Fonte:** http://www.dearqueologia.com/grecia_arcaica/mileto_plano.jpg

1.3 O Espaço Público na Cidade Romana

18

A nível urbanístico, as cidades do império romano foram herdeiras das gregas, das quais adquiriram todos os refinamentos técnicos: esgotos, aquedutos, pavimentos, água corrente, etc. A grande quantidade de produtos que chegavam desde o oriente e ocidente, assim como a força de trabalho escravo muito numerosa, permitiram um grande desenvolvimento urbano. Os Romanos procuravam realizar traçados regulares e geométricos e sempre que isso não era possível, integravam nas cidades conjuntos urbanísticos de grande aparato, que constituíam a parte mais impressionante e majestosa da cidade. Nesta altura o significado da Ágora e consequentemente o do espaço público passou a ser um espaço destinado a tempos livres de carácter mais público. À medida que se iam fechando muitas actividades urbanas de lazer e convívio, os edifícios públicos e religiosos começavam-se a destacar, tais como o Odéon (para exercícios de música), Palestras (para exercícios corporais), Teatros (para obras dramáticas), Ginásios (onde filósofos davam lições ao ar livre), Estádios (para corrida a pé) e os Templos (para culto religioso) (Fig. 7: 19). As cidades mais regulares eram as de origem militar, e talvez o melhor exemplo que nos ficou seja

a cidade de Timgad, Numídia (Argélia). Esta cidade configurava um perímetro rectangular, geralmente rodeado de muralhas, e o recinto era cortado interiormente por duas grandes vias que cruzam as cidades de uma ponta a outra (o Cardo, sentido N-S e Decumanus, sentido E-O) terminando cada uma delas nas quatro portas da cidade. Dividia-se em módulos, alguns de tamanho distintos que determinavam a dimensão dos espaços públicos da cidade (Fig. 8). São módulos separados entre si por ruas paralelas e iguais. Na sua intersecção costumava situar-se o Fórum e o Mercado e à volta destes, os Templos. Uma das vantagens deste plano passa pelo seu traçado, apresentado por ruas e quarteirões perfeitamente regulares. Contudo também tem as suas desvantagens, pois o cruzamento das ruas ao formarem um ângulo recto, não permite uma boa visibilidade.

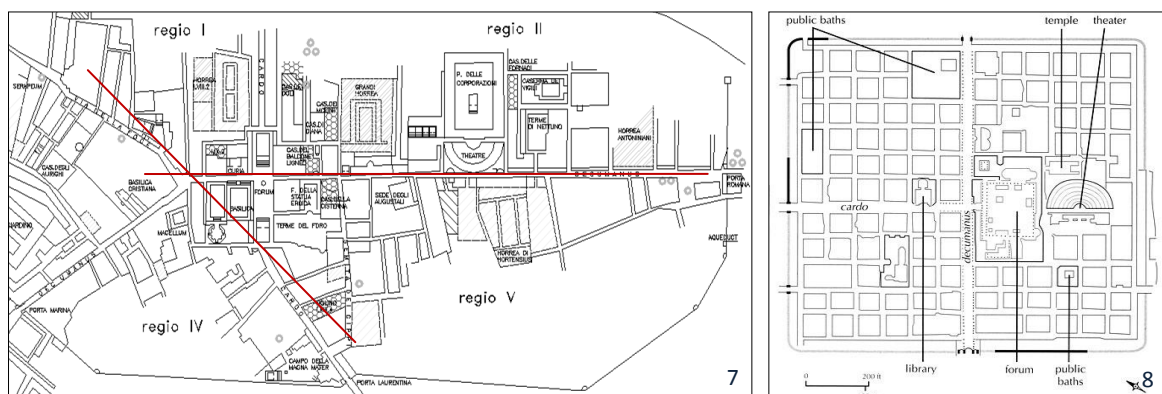


Fig. 7; 8 – Plano de Óstia e Roma - Localização dos edifícios e das diferentes actividades urbanas.

Fonte: <http://www.ostia-antica.org/dict/topics/bakeries/bakdis1.gif>

Fonte: <http://dl.coastline.edu/classes/internet/art100/images/AACHEBI0.jpg>

1.4 O Espaço Público no Período Medieval

Devido à queda do império romano, depois do séc. V, a cidade entrou em retrocesso. Daí a cidade média, começar a nível de uma sociedade agrária, rudimentar, que será a base da sua economia e do seu desenvolvimento posterior. A tendência para a auto-suficiência levou à diminuição do ritmo das trocas comerciais, passando a agricultura a ser um dos factores da reconfiguração urbana, tendo como principal função a redistribuição dos excedentes pela via comercial. Começam a aparecer os novos centros urbanos localizados junto das principais rotas comerciais, e ao longo das vias fluviais, mais

rápidas e seguras do que as péssimas estradas existentes. As cidades também ganhavam mais importância consoante o tipo de intensidade do seu tráfego, transformando-se em grandes centros manufactureiros, onde o espaço público era o palco destas trocas comerciais, acompanhando o crescimento da cidade. Estes centros desenvolveram-se largamente a partir do séc. XI devido ao crescimento económico das cidades e ao aumento do número de mercadorias, dando origem a uma nova classe social, a burguesia. Esta juntamente com o poder da nobreza, proporcionaram uma expansão das estruturas urbanas. Construíram-se pontes, monumentos, palácios e catedrais. Estas últimas, locais de festas religiosas e pontos de encontro dos cidadãos, contribuíam para a configuravam do espaço público, sendo elas as responsáveis pela construção do tecido sociopolítico da cidade medieval, que só aparece em meados do séc. XI e desenvolve-se principalmente no séc. XII e XIII.

A construção da muralha torna-se numa das principais características da cidade medieval, tendo como principal objectivo, a segurança e a defesa, daí se situarem em locais como colinas, ilhas e imediações de rios, de forma a criar obstáculos ao inimigo, o que tornava o seu traçado algo irregular. A muralha era responsável pela protecção, mas como era uma construção monumental, também adquiria uma função simbólica. Era um símbolo de poder, o que favorecia a concentração, logo torna-se um espaço mais procurado, levando a um aumento do número de edifícios, e a uma maior densificação, valorizando os edifícios públicos como palácios e igrejas e consequentemente todo o seu espaço público envolvente. Estes planos aparentemente anárquicos, sem forma definida, têm origem multipolar, com vários centros que crescem até se juntarem, ou da junção de vários tipos de planos diferentes, daí a difícil articulação entre os diferentes espaços. O traçado das ruas tinha de resolver as dificuldades da localização, articulando os espaços separados por desníveis, o que fazia com que elas fossem irregulares e tortuosas. As ruas disponham-se de forma organizada, respeitando uma hierarquia, as mais importantes, que eram geralmente as únicas onde havia tráfego, partiam do centro e dirigiam-se radialmente para as portas do recinto fortificado. As secundárias, que costumavam ser utilizadas unicamente pelos peões, eram em círculo à volta do centro e ligavam as primeiras entre si (Fig. 9: 21). Em linhas gerais, este padrão chamado radiocêntrico repete-se muito na cidade medieval. No centro da

cidade, encontrava-se a Praça principal, os órgãos do governo e a Catedral ou Templo. A Praça enquanto espaço público servia habitualmente para as necessidades do mercado e era nela que se erguiam os edifícios mais carismáticos da organização da cidade.



Fig. 9 – Cidade de Évora – Núcleo medieval, as muralhas e a expansão exterior.

Fonte: [Http://www.cm-evora.pt/NR/rdonlyres/00007195/ophpawylupverjrylhqmpqxfkzskcdi/Anexo20I_alteracao.jpg](http://www.cm-evora.pt/NR/rdonlyres/00007195/ophpawylupverjrylhqmpqxfkzskcdi/Anexo20I_alteracao.jpg)

1.5 O Espaço Público no Período Renascentista

A arquitectura renascentista aproxima-se das formas clássicas dos edifícios da Antiga Roma e da Antiga Grécia. Eram edifícios que procuravam traduzir os ideais representados nas construções da antiguidade, onde era visível uma ordem e beleza, que se dizia existir na Natureza. Neste período surgem as primeiras plantas urbanas, assim como novos conceitos, a perspectiva e a linha recta, que começam a ser notórios no aparecimento das novas cidades (Fig. 10: 22). Estas são marcadas pelo aparecimento de grandes vias de circulação, pelo avanço dos transportes e pelo aumento da velocidade. A Praça é colocada em lugar de destaque na estrutura da cidade, como principal elemento morfológico do espaço público, não só pela sua dimensão mas também pela sua forma e significado (Fig. 11: 22). Ganhou mais expressão uma vez que se multiplicou o tecido urbano, levando-a a adquirir novas funções além da religiosa, judicial e económica, tais como a de lazer e de organização do espaço. Estas podem surgir de processos distintos: através de traçados não planeados, com a estrutura do próprio território onde nascem, e de modelos já pensados. Este processo de

crescimento sucessivo gera outras situações, tais como o aparecimento de espaços residuais, que com o tempo se tornam novas praças urbanas. Surgiam assim novos lugares de sociabilização, com diferentes ambientes, tais como jardins e parques.

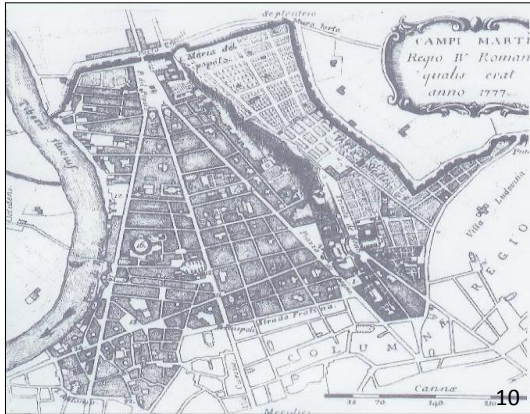


Fig. 10 – Plano de Roma – A rua deixa de ser somente funcional, valorizando questões estéticas e de perspectiva.

Fig. 11 – Praça de S. Pedro – A praça adquire valor simbólico e artístico, servindo de enquadramento de monumentos. **Fonte:** <http://www.laboratorioroma.it/ALR/Piazza%20Popolo/piazza%20del%20popolo.htm>

Fonte: <http://www.romeguide.it/foto/ROMASPARITA/scomparsa.jpg>

Um dos arquitectos com maior destaque neste período, era Vitruvius, que surge com novos pensamentos urbanísticos e novas regras de planificação. Para ele, a principal regra a obedecer num traçado das cidades reside em defende-las dos ventos predominantes. Ele desenvolve uma cidade cuja planta é um octógono rodeado de muralhas, em que cada lance de muralha fica oposto a um vento. Este tipo de plano caracteriza-se por ter ruas e avenidas radiocêntricas, que convergem num centro em forma radial, permitindo uma rápida circulação. Torna-se extremamente relevante, a importância que assumem os grandes monumentos, não só pela sua função mas também pelo seu valor estético, criando núcleos na própria cidade, ou seja, espaços públicos que se destinam a actividades de carácter mais social e económico. Estes originam os denominados planos radiocêntricos, constituído por ruas ou avenidas.

2 Elementos morfológicos do Espaço Público

A forma urbana, é o modo como os elementos morfológicos se organizam no espaço, enquanto a morfologia do espaço passa pelo estudo da estrutura dos

seus elementos constituintes, interligando-os e permitindo a divisão destes em diferentes unidades. Estes são algo que se veio tornando, ao longo dos tempos, um dos elementos mais constantes na arquitectura, visto que a sua estrutura desenvolve uma organização diferenciada do espaço, permitindo a sua percepção a diferentes escalas. A leitura da cidade, e mais particularmente do espaço público, pode ser feita a diferentes níveis: À dimensão sectorial ou escala da rua, pertencem os edifícios, o mobiliário urbano e a estrutura verdes, e considera-se ser a unidade menor, com forma própria. A sua percepção é possível a partir de um único ponto; À dimensão urbana ou escala do bairro, são os traçados, praças, quarteirões, monumentos e jardins. É nesta escala que se tem a real percepção da área urbana, onde há vários percursos e diferentes tipos de movimentos essenciais para a sua apreensão; E à dimensão territorial, à qual pertencem os bairros, infra-estruturas e zonas verdes (Fig. 12).

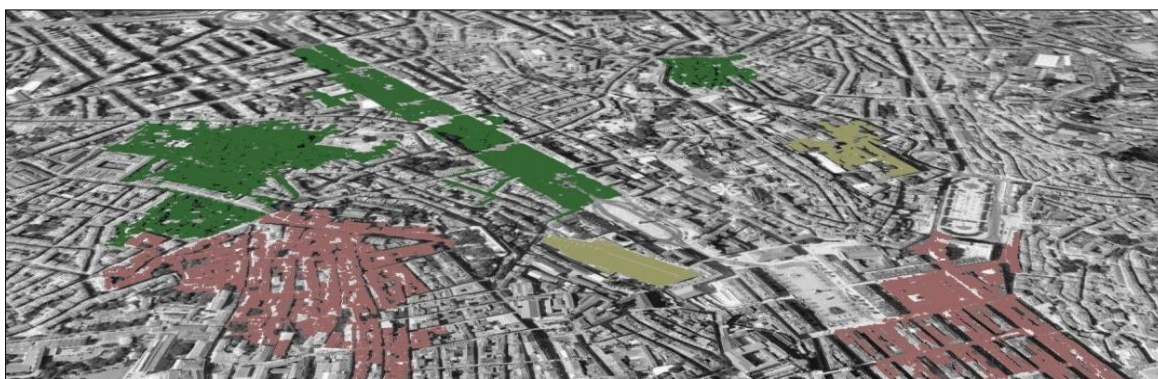


Fig. 12 – Lisboa - Diferentes níveis de percepção do espaço: Dimensão Territorial.

Fonte: <http://maps.google.pt/>

Apesar dos elementos morfológicos actuais serem os mesmos utilizados em períodos como a antiga Grécia ou mesmo a Idade Média, a sua importância tem vindo a ser alterada, contudo estes continuam a fazer parte integrante da leitura do espaço público, ou seja da composição urbana. Do renascimento ao barroco, por exemplo, podemos destacar como principais elementos do espaço público, as praças e os monumentos. Na arquitectura moderna, as praças continuam a assumir um lugar de destaque, juntamente com a rua, contudo a sua importância adquire uma nova dimensão. Por mais variadas funções que assumam estes elementos e por mais diversificadas que sejam as suas formas, a sua conjugação é inevitável para um bom funcionamento de todo um espaço, que sendo ele público, obriga-nos a estar atentos a cuidados mais específicos.

Rua

De acordo com José Lamas (2000), a "rua" é a unidade nuclear do espaço urbano, com forma própria. Esta é um dos elementos com mais destaque na hora de projectar uma cidade ou uma parte desta, regulando a disposição dos edifícios, quarteirões e os seus espaços públicos. É entendida como sendo um espaço da via pública destinado à circulação de pessoas e veículos, possui um carácter mais sociabilizante, onde por vezes ocorre a vida do quotidiano. Segundo o autor, M. Poete,

"... a rua ou o traçado relaciona-se directamente com a formação e crescimento da cidade de modo hierarquizado, em função da importância funcional da deslocação, do percurso e da mobilidade de bens, pessoas e ideias." (in Lamas;2000:100)

Antigamente, o facto de não existir muitos meios de transporte fez com que a rua fosse um local de encontro e interacção entre as pessoas (Fig. 13; 14). Esta era um elemento base, que preenchia praticamente todo o perímetro urbano. Em alguns casos, com destaque na idade média, o seu aspecto funcional era mais marcante, enquanto no renascimento, a rua assumia um carácter mais estético, sendo palco de grandes movimentações tais como procissões, cortejos etc.

24



Fig. 13; 14 – A Rua – A rua como espaço de interacção social.

Fonte: <http://www.saojudasnu.blogger.com.br/rua%2015%20de%20novembro%201900%20Guilherme%20Gaensly.jpg>

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/catwalk_foto2631608.html

Todas as questões ligadas ao conceito de "Rua", tem cada vez menos um carácter estético e a sua acentuada utilidade faz dela um dos principais eixos organizadores do espaço. O seu desenho deve ser pensado sempre na sua integração com o resto dos elementos que a compõe (edifícios, espaços livres, etc.) e com os ambientes e distintas áreas de actividade. Esta integração leva a

variados tipos de convergências e locais estratégicos, tais como os cruzamentos, onde por vezes se criam espaços de carácter público (Fig. 15). De acordo com Kevin LYNCH (2008: 75; 76), estes espaços,

“...embora conceptualmente eles sejam pequenos pontos na imagem da cidade, podem, na realidade, ser praças de grandes dimensões, figuras lineares de certo modo extensas, ou até toda a área de um bairro central, caso entendamos a cidade em nível lato.”



Fig. 15 – Rotunda da Boavista – A praça enquanto espaço de estar e organizador da estrutura urbana.

Fonte: [Http://www.bing.com/maps/](http://www.bing.com/maps/)

Quarteirões

Segundo a visão de Lamas (2000:88), por quarteirão entende-se, “... um continuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais. É o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para construção de edifícios.” (Fig. 16; 17: 26). Este encontra-se subjacente aos restantes elementos do espaço urbano, tais como, os traçados, as vias, os lotes, logradouros... uma vez que os agrega e organiza, tornando-se um elemento importante para a configuração do espaço público. O lote era o lugar do edifício e um meio ou instrumento de planificação e separação do espaço público e privado. Este, cada vez mais torna-se revelador da forma do edifício, e o espaço dentro deste que não é ocupado por construção, revela-se num espaço verde inevitavelmente ligado ao edifício, contudo na cidade tradicional, este espaço correspondia ao espaço de acerto dos loteamentos. É desta organização, e a sua relação com os restantes elementos do espaço público, que resulta um conjunto de normas geométricas e de ordenamento do espaço urbano. Em relação ao período medieval, o quarteirão difere do período

romano, na forma e função. A forma era determinado pelo traçado das ruas, e os volumes eram irregulares, variando na fachada e no seu interior. No renascimento, a malha era regular tornando-se monótona e permitia a hierarquização das diferentes ruas. Estas formas distintas de abordar a cidade reflectiam-se na organização do próprio espaço público.



Fig. 16; 17 – A Cidade - O quarteirão como organizador da estrutura urbana.

Fonte: <http://www.portovivosru.pt/backoffice/modulos/noticias/imagens/299.jpg> Fonte: <http://www.bing.com/maps/>

Edifício

Na cidade tradicional, a relação do edifício com o espaço público processava-se pela fachada, tornando-a de extrema importância na concepção de qualquer edifício, não só por ser reveladora do tipo de edifício, das suas características e da própria linguagem arquitectónica mas também porque estabelece a transição entre o espaço privado e público (Fig. 18: 27). São estas que permitem a expressão das características distributivas (programas, funções, acessos) podendo definir o próprio espaço público. O volume e massa do edifício são determinantes na conjugação deste com o espaço, uma vez que este é um dos responsáveis pela organização do espaço público e dos seus diferentes espaços identificáveis, como sendo a rua, praça, beco, etc. (Fig. 19: 27).

Antigamente os edifícios eram associados ao espaço da praça e do mercado, onde se situavam os principais monumentos, como igrejas, catedrais, etc., ou seja, os principais edifícios, eram circundados por grandes espaços de carácter público, que os engrandeciam e serviam para contemplação dos mesmos. Estes espaços variavam de tamanho consoante a importância atribuída ao edifício em questão.



Fig. 18 – Aliados - O edifício como elemento configurador do espaço público.

Fig. 19 – Roma - A individualidade e expressão do edifício influenciam o espaço que o rodeia.

Fonte: http://www.residencialaliados.com/2008/index_pt.htm Fonte: http://olhares.aeiou.pt/roma_1bw_foto2275857.html

Praça

As praças são muitas vezes encaradas como a expressão de uma sociedade uma vez que atribuem identidade ao próprio espaço. Ao contrário da rua, que é um espaço de trânsito, a praça é um lugar de destino, sendo um dos elementos do espaço público onde a função de socialização se encontra mais presente. Esta distingue-se dos outros espaços pela sua organização espacial, sendo um “... lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, consequentemente, de funções estruturantes e arquitecturas significativas.” (Lamas; 2000:102) (Fig. 20; 21).

27



Fig. 20; 21 – Praça da Liberdade e do Rossio – Lugar de manifestações sociais e enquadramento de monumentos.

Fonte: http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/PortoPostais/006_Porto.jpg

Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/5516030>

Na idade média, a praça era o resultado do vazio urbano, sem planeamento prévio, onde a sua principal função era a do comércio e de socialização,

enquanto no renascimento a praça adquire um estatuto de obrigatoriedade no desenho do espaço público. Esta *"...reúne a ênfase do desenho urbano como espaço colectivo de significação importante. Este é um dos seus atributos principais e que a distingue dos outros vazios da estrutura das cidades."* (Lamas; 2000:102) A praça é considerada um lugar de moderação, e contemplação, que embora já seja um conceito em alteração, continua a ser um lugar de convivência civilizada.

Elementos marcantes

Desde sempre a cidade, foi marcada pela presença de elementos marcantes, que na maior parte dos casos eram edifícios (Fig. 22). Estes, cada vez mais se destacavam na organização da cidade, e assim sucessivamente até aos dias de hoje, que embora não tenham tanta presença, o seu simbolismo ainda permanece. Os monumentos são um perfeito exemplo de elementos marcantes, são factos singulares, individualizados pela sua presença ou significado e que por isto se tornam determinantes na imagem da cidade. Servem para explicar o espaço onde se inserem, assumindo desta forma um significado cultural, histórico e estético. Estes podem ser algo que não foi criado exactamente para aquele fim, contudo podem assumir tal designo a partir do momento em que a sua presença seja significativa. Uma das principais características de um elemento marcante é a sua singularidade e o contraste com o seu contexto ou pano de fundo. Este, é mais notado se tiver uma clareza de forma e se adicionalmente tiver ainda uma riqueza de detalhes e texturas (Fig. 23).



Fig. 22 - Torre de Belém – Elemento de significação cultural, como meio de embelezamento urbano.



Fig. 23 - Aqueduto – Elemento que transcende a sua função inicial, meramente utilitária.

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/torre_de_belem_foto558164.html](http://olhares.aeiou.pt/torre_de_belem_foto558164.html)

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/o_aqueduto_ii_continuacao_foto449783.html](http://olhares.aeiou.pt/o_aqueduto_ii_continuacao_foto449783.html)

O primeiro requisito para tal função é a aquisição de identidade, pela qualidade singular dos seus pavimentos, paredes, iluminação, vegetação, topografia ou horizonte. Estes encontram-se normalmente em espaços públicos pensados para si mesmos, de forma a atribuir-lhes alguma singularidade.

3 Dimensões do Espaço Público

3.1 Funcionais

Função organizacional

O carácter social do homem, permite-o interagir com os outros indivíduos. Esta interacção ocorre principalmente através dos espaços públicos, daí uma das suas principais funções ser a de organizar e estruturar o próprio espaço. A organização da cidade vai-se formando dependendo da configuração da sua morfologia, que surge do resultado das diferentes dinâmicas sociais. É através do espaço público que surgem as primeiras impressões e entendimentos, tanto de aspectos cognitivos (sentidos) como de aspectos físicos, sendo a sua morfologia e a interacção entre os seus elementos, a chave para a sua organização, desvendando os seus hábitos, costumes, formas de habitar, lazer, etc. Desta forma a cidade e consequentemente o espaço público, podem ser analisados num todo ou de forma mais pormenorizada, através da compreensão das suas partes, onde Kohlsdorf conclui que, ...

"... Observar a cidade como arquitectura requer, portanto, que se a veja como uma modalidade do espaço transformado por acções humanas, especificado por suas características de extensão física, mas também de contexto histórico e traços analíticos."
(in Marta GABARDO; 2001: 86)

Para entendermos a organização de um espaço público, é necessário ter a percepção da evolução de todo um período histórico. Só desta forma conseguimos entender os principais focos de desenvolvimento e os seus principais pontos estruturantes. Um dos exemplos que retrata esta ideia é a cidade Grega, onde temos a percepção da evolução e importância do seu espaço público (Fig. 24: 30). Este crescimento apoia-se na conexão entre os

diferentes edifícios de forma instintiva, e no seguimento dos caminhos principais, que surgem ao longo das edificações públicas ou espaços principais como a Ágora. Durante este percurso, o espaço vai sendo dotado de experiências e significados, que passam a fazer parte de uma memória e identidade urbana, sendo desta forma parte integrante da arquitectura da cidade e consequentemente dos seus espaços públicos.

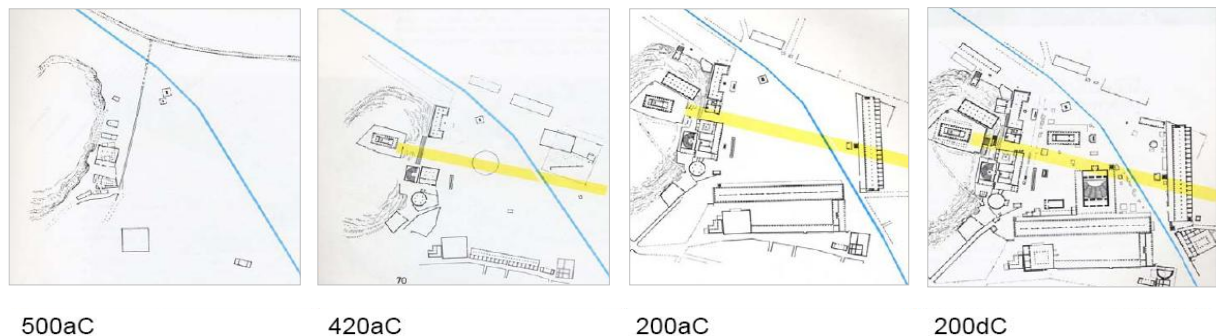


Fig. 24 – Roma - Evolução da cidade tendo como elemento estruturante os espaços públicos.
 Fonte: Edmund N. Bacon in Richard LAMB (2004: 10)

Função socialização

30

“O espaço público é entendido como um lugar central de encontro, partilha e convívio das pessoas é um indicador de qualidade de vida das cidades, o qual deve ser planeado, desenhado e criado a partir de uma abordagem interdisciplinar e tendo em conta as necessidades e aspirações das comunidades que pretendem servir” (Manuel Silva GRAÇA; 2007:1)

Este é um amplo espaço físico, onde se sucedem diferentes actividades e movimentos de gente. Contudo, são espaços que tem tanto de material como de simbólico. São característicos pelos seus diferentes usos e saberes práticos, em que o corpo é uma ferramenta de comunicação e negociação. É um lugar de visibilidades e acessibilidades mútuas, de movimentos, ritmos e improvisações, lugar de distância e diferentes percepções sensoriais, é um espaço partilhado, espontâneo onde surgem relações e se desenvolve uma faceta social, que torna possível observarmo-nos a nós mesmos como sociedade e cultura (Fig. 25: 31). É importante referir que o espaço público da antiguidade possuía um carácter mais socializante onde as pessoas interagiam entre si e procuravam mais o espaço para se relacionarem, face ao espaço público actual (Fig. 26: 31).



Fig. 25 – A Rua - Interação social proporcionada pela configuração do próprio espaço.

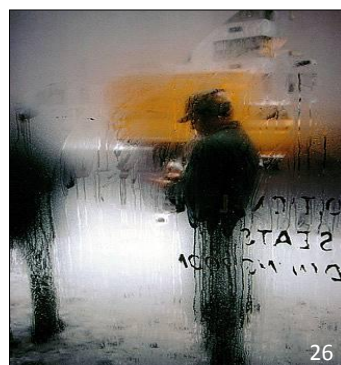


Fig. 26 – Paragem de Autocarro - O espaço público como reflexo de uma cultura individualista.

Fonte: <http://li.olhares.com/data/big/170/1709584.jpg>

Fonte: http://images.arnet.com/artwork_images_89028_188798_saul-leiter.jpg

Mobilidade

Desde sempre o homem sentiu necessidade de se deslocar, contudo a grande diferença dos tempos actuais para um passado mais desejado, reside na questão de antigamente muitos dos locais de passagem terem sido verdadeiros “lugares”, com identidade própria e referências, em que muitas situações se tornavam espaços públicos de permanência diária. Este conceito tem vindo a ser alterado, e a mobilidade passou a ser um “... *concepto abstracto que genera trãnsitos, pêro no lugares.*” (A+T; 2008: 6). O crescimento da mobilidade tem aumentado, devido à dispersão urbanística residencial e à descentralização de actividades e serviços que é muito mais diversificada e complexa nos espaços metropolitanos, devido à necessidade cada vez maior do uso do transporte individual. Contudo antigamente o processo não era muito diferente. O maior objectivo da mobilidade é possibilitar a todos os cidadãos a acessibilidade a qualquer espaço. Esta não depende unicamente dos meios de transporte, mas também da diversidade e distribuição das diferentes centralidades.

3.2 Estéticas

Apesar da integração de algo num espaço ser das questões mais pertinentes para um projectista, nem sempre isso é conseguido da melhor forma. A simplicidade dos edifícios por vezes não se enquadra da forma mais correcta com o existente. Tem de haver um cuidado extremo a nível de regras de composição, materiais, cores e de função. A qualidade da obra ou peça em

questão, a plástica dos volumes e a relação que estabelecem no espaço público, criam efeitos pictóricos, que formam um só conjunto com a natureza e a paisagem, ou seja uma unidade estética (Fig. 27).



Fig. 27 – Estética - A arquitectura como ligação das diferentes regras de composição.

Fonte: <http://olhares.aeiou.pt/foto2153369.html>

Esta é formada pela acção da natureza e do homem, em que não se sabe se foi a cidade que se adaptou á envolvente natural onde se desenvolve a localidade, ou se foi a natureza que foi utilizada ao serviço da arte. Esta relação dá-se muitas vezes através da fachada onde os principais edifícios configuram o espaço público. Se observarmos ao longo da história nos diferentes períodos da arquitectura, os grandes monumentos eram o ponto de referência para toda a estrutura da cidade quer pelo seu carácter religioso quer pelo seu valor estético. Em suma a estética enquanto valor sempre foi uma preocupação na construção do espaço público, independentemente de estarmos a falar do período romano, grego ou medieval. A forma como o homem materializava esse valor era distinta mas era um dos valores dois quais ele não abdicava para configurar o espaço público.

3.3 Simbólicas

A análise de uma cidade, leva-nos muitas vezes ao reconhecimento dos lugares e dos tempos, a presença das pessoas nas ruas, os olhares, os carros que passam, conduzem-nos a uma procura persistente das raízes do local, perdendo-nos nos seus labirintos e desvendando desta forma as inúmeras inquietações e urgências

de viver daquela cidade. Todo este cenário de variadas imagens de plena estranheza, tornam-se de repente imagens expressivas e de um significado quase inato, a partir do momento que as frequentamos e violamos o seu próprio espaço. Uma das maiores necessidades do espaço público é a de ter referências, um espaço físico articulado e com significado. Esta questão encontra-se presente em cidades de diferentes períodos da história, que apesar de serem homogéneas, todas as suas ruas, praças e edifícios assumem um carácter muito próprio tornando-se perfeitamente identificáveis. A forma como estão implantados, a linguagem e o valor simbólico que assumem, é em função dos principais monumentos da cidade, atribuindo a estas uma identidade que raramente constatamos em vários fenómenos urbanos.

4 Valores, identidade e desenho

Valores

Os diferentes espaços, com destaque os públicos, são o resultado de práticas e usos antigos, e a sua organização espacial encontra-se relacionada com um conjunto de costumes sociais e mentais, ou seja, são espaços resultantes da relação do homem com uma determinada cultura. Interessa-nos realçar nos espaços públicos, aqueles que na sociedade adquiriram um carácter polifacético, ou seja, espaços conhecidos como de encontro e participação na vida conjunta da cidade. São espaços onde se pode aceder livremente e onde cada um expressava os seus direitos e deveres no decorrer das vivências diárias (Fig. 28; 29: 34). É importante nunca esquecer valores, como a história e toda a tradição que lhe é inerente, uma vez que pode ser uma motivação para ajudar a perceber os novos processos de desenvolvimento e torná-los mais ajustados e direccionados as necessidades do presente. Terá de haver um esforço no sentido de adaptar estes preceitos a novas preocupações, tal como refere Carlos CANALES (2004: 2),

"La recuperación de la ciudad para los ciudadanos, con actuaciones como la reducción de los automóviles, la peatonalización de los centros históricos y la creación de grandes zonas verdes han redefinido las ciudades como espacios residenciales atractivos para que el hombre se pueda desarrollar en todo su potencial."



Fig. 28; 29– Porto – Greve - Diferentes vivências, como formas de participação no espaço público.

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/porto_seguro_foto2436219.html

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/por_um_futuro_risonho_foto2359046.html

Identidade

O espaço público encontra-se indissociável tanto do passado como do presente. Do presente porque é neste momento que este se encontra a ser “discutido” e em constante aprovação, e do passado porque se continua a lutar por um espaço que expresse a sua própria identidade. As cidades e consequentemente os seus espaços públicos são a memória de uma cultura, de um povo e...

“Sin cultura no existe memoria, y sin memoria no existe identidad, Voces, rituales, canciones,... nos congregan y nos identifican a “nosotros” y nos diferencian de los “otros”. Una cultura que refleja en sus frutos el pensamiento y las acciones de los hombres; sus modos y sus razones de vivir.” (Greorio Recondo in Brenda IGLESIA; 2007: 5)

O conceito de identidade remete-nos para o antropólogo Marc Augé, uma vez que está intimamente ligado à grande questão do “lugar” e “não lugar”. Este conceito é cada vez mais actual, uma vez que traduz diferentes relações que os indivíduos estabelecem com o próprio espaço. O “lugar” tem dado cada vez mais espaço ao “não lugar”, e isto encontra-se evidente na identificação do indivíduo com o seu próprio território. As auto-estradas, circulares e vias rápidas, são exemplos actuais, destes espaços, assim como a muralha da cidade medieval, são lugares sem memória, impróprios para gerarem qualquer tipo de laços afectivos. Contudo, se na cidade que nos é apresentada hoje em dia, é uma cidade caracterizada por inúmeros edifícios em altura, alinhados e que albergam inúmeras famílias e orientam-se de forma inequívoca para este

conceito de “não lugar” (Fig. 30), antigamente, nas cidades tradicionais, era o espaço público que dava identidade e carácter às cidades, permitindo o seu reconhecimento, e conservando a memória dos habitantes (Fig. 31).



Fig. 30 – New York – A massificação leva a substituição de uma identidade colectiva, por uma mais individual.

Fonte: http://olhares.aeiou.pt/new_york_foto1283428.html



Fig. 31 – Braga – O carácter atribuído ao espaço público faz com que a sua identidade seja mais reforçada.

Fonte: http://images.delcampe.com/img_large/auction/000/045/187/076_001.jpg

O mercado lugar de intercâmbio comercial, as praças, e os grandes jardins, fazem parte de uma complexa estrutura. Todos eles têm a sua identidade, são reconhecidos por quem os habita e os usa. Foram espaços construídos e pensados por alguém, tem um determinado registo, são importantes para os seus moradores e para quem por ali passa e regista ou identifica aquele lugar.

“Para entender a totalidade do espaço desejado é importante conhecer como as partes se identificam e se articulam de maneira a permitir o aparecimento da hábitos e costumes que dão imagem característica ao lugar.” (Marta GABARDO; 2001: 86)

Partindo desta ideia, é possível chegar à identidade do lugar, sendo o principal objectivo a busca de uma imagem para a cidade. Para isso é necessário ter em atenção a história, as diferentes transformações ocorridas e a memória de um percurso e de um tempo. A identidade torna-se assim importante na compreensão do espaço público na medida em que reflecte as vivências, os costumes, as diversas formas de expressão de uma determinada cultura, ou seja, estabelecem uma relação recíproca em que a identidade determina o espaço público objectivo e subjectivo mas ao mesmo tempo é influenciado por este. Os dois vão evoluindo juntamente, sendo impossível de descrever o espaço público sem falar de identidade.

Desenho

O desenvolvimento do espaço público resulta das variadas intervenções dos seus habitantes. O desenho deste resulta em diferentes propostas urbanas para as novas cidades ou planos de intervenção e expansão, dos quais surgem distintos modelos urbanos, reflexo de momentos históricos, ideológicos, sociais, políticos e económicos diferentes. Muitos desses desenhos aliam o espaço ao volume, para que se vejam resolvidas as necessidades de uma sociedade, sendo que, quanto mais aprofundado é o nosso conhecimento sobre esta, mais facilmente conseguimos perceber o ambiente que a rodeia como o traçado das cidades e dos edifícios.

Ao longo dos tempos verificamos uma alteração a nível de desenho do espaço público. Na antiga Grécia, havia a preocupação de criar uma hierarquia social, os edifícios configuravam o espaço público, sendo a Ágora a sua principal referência. Em relação ao período romano, as edificações eram monumentais e construídas como entidades separadas, o espaço público era levado em consideração, contudo era pensado não num todo, mas em partes.

Com o decorrer dos anos a preocupação com a protecção foi aumentando. Nas cidades medievais, destacava-se um traçado mais orgânico. Embora o espaço público respeitasse uma certa hierarquia este surgia de forma espontânea. Desta aparente desordem surge a necessidade de organizar o espaço urbano, começando-se a ter um maior controlo a nível de desenho. No renascimento há uma tendência a pôr-se em prática diversos planos, sendo eles

inspirados na mentalidade clássica da Grécia e Roma. Torna-se um período de grande desenvolvimento, e começam-se a destacar as vias, os grandes nós e a diferenciação entre público e privado, assim como o próprio cuidado do espaço público, tal como é visível no exemplo da Praça de S. Marcos (Fig. 32).

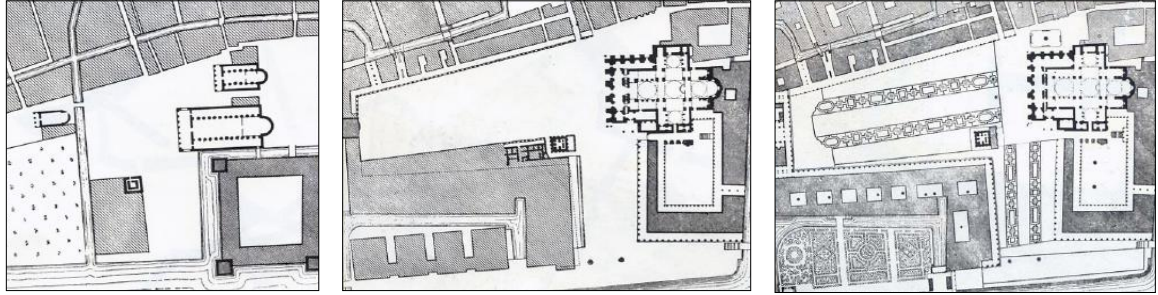


Fig. 32 – Praça de S. Marcos do séc. XIV ao XIX – Evolução do espaço público em função de um edifício.

Fonte: *Edmund N. Bacon in Richard LAMB (2004: 14)*

Desta forma podemos concluir que o espaço público desde a antiguidade era desenhado com o objectivo de exaltar os principais edifícios e também de fomentar o diálogo e a opinião pública entre a sociedade, contudo não nos podemos esquecer que o espaço público é um reflexo de uma cultura, logo a sua configuração foi-se adaptando conforme as necessidades dessa mesma, tendo como principal instrumento de materialização, o desenho.

1 Mutação Contextual

“ Uma intervenção em qualquer espaço tem a importância de criar novas relações com o existente. Se o existente é caótico, incaracterístico, não obedecendo a qualquer princípio, seja estético ou de outro tipo, a estrutura pode desempenhar a papel aglutinador de uma nova relação estruturante. No contexto desta nova relação cabe a definição de novos espaços, habitáveis ou não, mas que sem dúvida definem uma nova leitura do existente.” (Maria João BAHIA e Rodrigo Cunha; 2006:161)

1.1 Período moderno

Até ao séc. XIX, era habitual a disponibilização de espaço público para lazer, que se baseava na transferência de locais de feira, normalmente situadas junto as antigas portas da cidade, para locais periféricos. Com a revolução industrial a energia humana é substituída pela motriz, começa-se então a produzir em grande escala, o que levou a um acentuado deslocamento da população rural para a cidade. Surge uma nova classe social, a classe operária, que vivia em condições deploráveis. Perante esta situação faz-se sentir críticas referentes a esta nova dinâmica cultural, o que levaria mais tarde à adopção de medidas correctoras a nível urbanístico, tais como: a pavimentação de ruas, salubridade dos edifícios, promoção da habitação social, entre outras. Todas estas transformações levaram a que o conceito de público se alterasse. O solo existente dentro do perímetro urbano deveria ser de propriedade pública, sendo da esfera privada apenas as fracções dos terrenos particulares.

O arranque do séc. XX foi marcado pela valorização da rua como espaço público, e pela constante afirmação deste, como exemplo temos a renovação das cidades iniciadas na década de 80 (Fig. 33: 40) onde se assistia a um ambiente transformador, havendo a necessidade de satisfazer as demandas acumuladas anteriormente, originando desta forma, um grande avanço como resposta ao período anterior. Eram necessárias novas estruturas, uma vez que os equipamentos existentes não eram funcionais. Os principais objectivos passavam pela cultura, formação, ócio, e informação. Foi com as intervenções de Georges-Eugène Haussmann e Ildelfons Cérda, que se veio a dar relevância ao desenho das áreas públicas na definição da paisagem urbana. O quarteirão deixa de ser

o limite do espaço público podendo tornar-se parte deste, levando à livre disposição dos edifícios no interior de cada quadrícula.

Os espaços públicos, herança do renascimento, permanecem iguais, contudo, os seus usos e práticas alteraram-se. As praças cedem importância à rua, e a vivência dos espaços abertos, cedem importância a clubes e cafés. Na Europa era evidente a presença das ruas, avenidas, mercados, praças e jardins. Começa-se a perceber a interação dos espaços públicos com outras orientações, tais como culturais e morais.

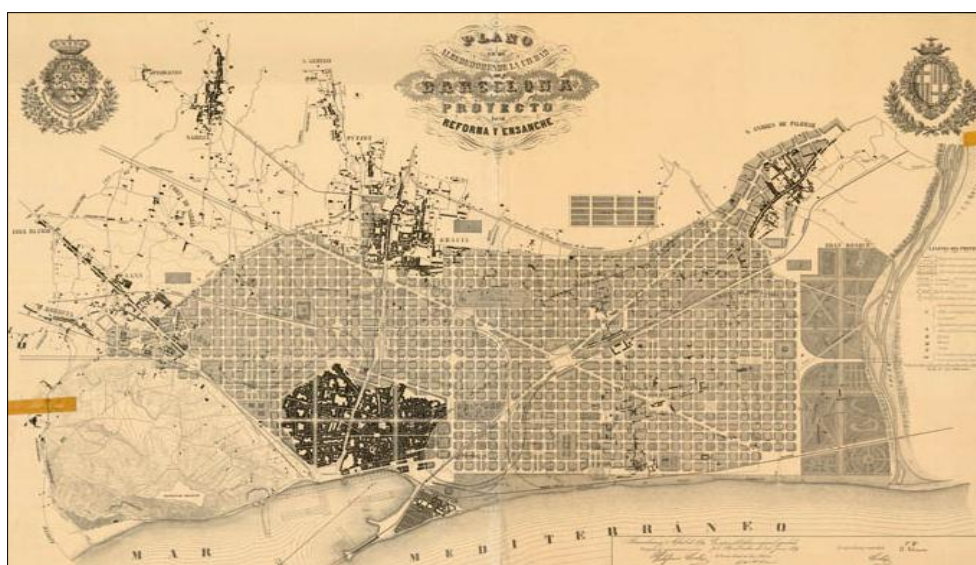


Fig. 33 – Plano de Barcelona 1859 – A quadricula deixa de ser um limite cadastral para também assumir o carácter de espaço público. Fonte: <http://la.streetsblog.org/wp-content/uploads/cerda.jpg>

1.2 Nos dias de hoje

As novas condições de vida motivaram transformações no uso e na forma dos diferentes espaços, levando a uma alteração dos conceitos existentes. Os usos dos diferentes espaços alteraram-se, edifícios com uma forma específica, atraem outros usos para os quais não foram pensados e aparece o conceito de interior público, uma extensão da vida urbana, como uma alternativa a rua, a praça, ao parque, herdados do traçado do séc. XIX. As cidades herdadas deste século, alteraram-se, passando de objectos pequenos e bem delimitados a constituir entidades de grandes dimensões, as metrópoles, sem limites claros e integradas de forma complexa no seu território (Fig. 34: 41).



Fig. 34 – Nova Iorque – O crescimento acelerado das cidades, leva-nos à não precisão dos seus limites.

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/new_york_empire_foto1788293.html](http://olhares.aeiou.pt/new_york_empire_foto1788293.html)

O modelo de cidade que se tem vindo a produzir actualmente, tem dado lugar a contínuos urbanos de crescimento incontornável, constituído tanto por âmbitos comerciais como residenciais, onde os equipamentos e as infra-estruturas regem em relação aos espaços naturais e públicos. As cidades têm-se vindo a desumanizar, perdendo a sua inicial condição de espaço de encontro e intercâmbio, o que levou a deterioração dos modos de vida e consequentemente à qualidade de vida das pessoas. O espaço público que nos era conhecido tem-se diluído em avenidas de trânsito e supostas zonas verdes sem identidade. São muitas vezes espaços, inactivos, desertos, isolados, onde há um aumento gradual do consumo. Assiste-se a um cultivo de uma visão intimista, onde se acentua o afastamento das relações sociais e cada vez mais impessoais. Há urgência em compreender o complexo e disperso carácter das diferentes entidades e cidadãos, e consequentemente dos espaços em que se movimentam, procurando compatibilizá-los. Há uma grande variedade de espaços, tanto a nível de dimensão, morfologia, funcionalidade assim como na forma como estes são e foram encarados na hora da sua concepção. Os espaços públicos actuais são caracterizados pela prioridade dada ao automóvel, pela abundância de edifícios com fachadas de má qualidade, pela má distribuição dos solos e seus usos, pela degradação do mobiliário urbano, pela pouca vegetação existente, pela abundância de painéis publicitários, e sobretudo por serem espaços residuais, amorfos e monótonos, que se opõem ao carácter ordenador, formal e sequencial dos espaços mais tradicionais. A principal diferença existente entre os espaços públicos tradicionais e os modernos

passa principalmente pela superfície que ocupam, sendo que os espaços públicos mais actuais ocupam o dobro em proporção da superfície dos espaços tradicionais (Fig. 35).



Fig. 35 – Parque das Nações – Espaços públicos actuais, característicos pelas suas grandes dimensões.

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/expo_98_foto1340896.html](http://olhares.aeiou.pt/expo_98_foto1340896.html)

A forma actual de encarar o planeamento dos diferentes espaços, tem vindo a ignorar os conhecimentos adquiridos pela humanidade ao longo de milhares de anos, a fim de conseguir um melhor acondicionamento ambiental com o mínimo de recursos e energia. Em muitos dos casos, a volumetria dos edifícios sobrepõem-se as características do próprio lugar. A importância dada às ruas e praças tradicionais em relação as modernas, é distinta. Sobrevaloriza-se o acesso fácil e rápido a qualquer lugar, em vez de se apostar na qualidade ambiental dos espaços, com destaque para os que mais presenciam o encontro de relações sociais. Uma outra diferença fundamental entre a qualidade ambiental dos espaços tradicionais e modernos é o uso de vegetação, a árvore adquire grande protagonismo devido a sua densidade e tamanho, sendo que actualmente, as árvores são utilizadas como elementos isolados, em lugar de formar “massas” e cobertas vegetais. Outra das questões pertinentes referentes ao espaço público actual é a questão da liberdade e segurança. Estas questões passam pela maior utilização de câmaras de vigilância, detectores, guardas, etc. Conceitos que antigamente não eram pensados, e que hoje em dia são cada vez mais discutidos e indissociáveis de qualquer espaço público, condicionando as vivências e a forma como as pessoas interagem com este. Estes factores tendem a levar ao desaparecimento do espaço público, esvaziando-o do seu conteúdo simbólico.

2 Desenho e Identidade

À relativamente pouco tempo a parte histórica das cidades com principal destaque para os seus espaços públicos, era conhecida pela sua multiplicidade social, proporcionando uma polaridade de actividades, que as fazia mais habitáveis, transmitindo um sentido de lugar e uma identidade própria. Estes espaços sofreram grandes transformações no séc. XX devido ao crescimento das cidades, o que originou mudanças bastante acentuadas a nível do seu desenho, assim como na própria visão da população sobre a terra e o meio ambiente.

Grande parte dos espaços públicos de antigamente não se conciliam com as actividades dos dias de hoje, daí ser necessário redesenhá-los de forma a adaptá-los aos padrões de vida urbana actuais com o objectivo destes não se transformarem em espaços vazios e sem vida. O espaço público começa a ser esquecido, contudo a sua permanência é inevitável, mas o seu abandono começa a sentir-se de tal forma que estes passam a ser espaços organizadores e não zonas de estar e de convívio, como eram conhecidos há poucos anos atrás. Para entendermos o espaço público de agora é necessário remetermo-nos ao estudo de algumas lógicas de crescimento urbano anteriores. Os diferentes períodos históricos ajudam no entendimento dos diversos momentos da vida quotidiana que ao longo da história se tem vindo a modelar, transformando as suas funções, contudo a origem destes espaços de intercâmbio de relações, no seu mais amplo sentido, perduram.

Actualmente, estes encontram-se em constante mudança, sendo-nos quase impossível saber os contornos desta mudança. Os grandes centros cresceram tanto que acabaram por absorver os povos e cidades circundantes, originando megalópoles com superfícies urbanas de quilómetros e quilómetros de extensão. Estas possuem património, como monumentos, edifícios, entre outros, que devem ser levados em conta na altura de desenhar o espaço público, pois estes são a marca identitária de uma cultura e fazem parte da memória da evolução da cidade. Esta identidade desenvolve-se pela forma como uma sociedade se relaciona com o espaço, criando desta forma hábitos e costumes que se iram reflectir no desenho do mesmo. Esta incontínência do crescimento urbano está a levar a uma rápida alteração da escala das cidades e correspondentemente a

uma mudança dos níveis e modos de vida das populações. Desta forma directamente ou não, os espaços públicos são influenciados por estas mudanças. A sua perda de protagonismo é grande, e estes espaços antigamente pensados como espaços exteriores, tornam-se aos poucos espaços colectivos no interior dos próprios edifícios, que prometem o abrigo da chuva, vento e sol e são limpos e seguros. Desta forma as praças e parques das cidades vão-se degradando, tornam-se descuidados e sujos, estando sujeitos a perigos e vícios constantes. Estes espaços começam a perder as vivências que tiveram um dia, não só pela falta de manutenção dos mesmos, mas também devido a hábitos e valores que se têm vindo a alterar (Fig. 36; 37). Alguns dos exemplos destes hábitos passam pelo trânsito massivo e poluidor dos automóveis e pelas esgotantes estreitas faixas pedonais que só se podem abandonar quando nos é permitido pelo semáforo. Quando se começa a romper a ligação biológica entre a cidade e a vida, ou seja quando ocorre a desumanização, o surgimento de variadas patologias é inevitável. Começa-se a perder os hábitos de encontro onde a população se convoca para estreitecer os seus vínculos, levando ao desaparecimento da pertinência e participação comunitária.

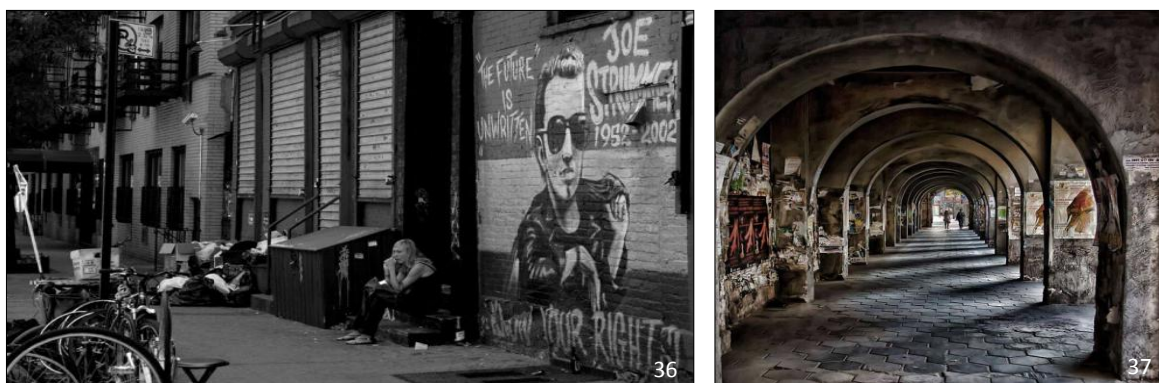


Fig. 36; 37 – Identidade - Espaços descaracterizados devido à mudança de valores e hábitos sociais.

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/st_foto2455819.html](http://olhares.aeiou.pt/st_foto2455819.html)

Fonte: [Http://olhares.aeiou.pt/luz_ao_fundo_do_tunel_foto2623858.html](http://olhares.aeiou.pt/luz_ao_fundo_do_tunel_foto2623858.html)

Podemos concluir que, o espaço público torna-se o reflexo do desenvolvimento de uma cultura. Quanto mais avançada seja esta, melhor tratados serão os seus bens e espaços públicos. É neste, que se revelam os vícios e virtudes de uma sociedade. Quanto mais solidária e justa for uma sociedade, ocupando-se do bem-estar e segurança dos seus moradores, mais facilmente partilhará a beleza do seu espaço com aqueles que a respeitam.

3 O caso do campo da vinha em Braga



Fig. 38 – Campo da Vinha – Vista Aérea. Fonte: <http://www.bing.com/maps/>

O espaço público, é composto por homens, que a constroem e a organizam, contudo estes tem interesses e valores diferentes. Daí se dizer que a cidade, hoje em dia, é um conjunto de disputas entre os que encaram a cidade como fonte de lucro (os capitalistas), e os que tratam a cidade como fonte de vida (os moradores). Nesta disputa, os interesses económicos são os que prevalecem, porque quase sempre conseguem eleger autoridades e representantes que vão defender os seus interesses. A grande desvantagem de tudo isto é que os recursos públicos vão ser utilizados sempre a serviço dos interesses particulares e não de toda a população. Para esta elite de investidores, a cidade é uma fonte de lucro, encarada como um meio de produção. A moradia começa a ser pensada como um imóvel que poderá ser vendido ou alugado, a rua como uma oportunidade de asfaltar ou refazer-la e a praça como um lugar para um futuro edifício e o espaço público é esquecido passando a ser encarado como um espaço de equilíbrio e ligação entre edifícios. Contudo para os moradores, a cidade continua a ser um espaço de vida, de convívio, trabalho e lazer. Cada vez mais se assiste a uma constante deterioração do espaço público.

As formas de organização do território têm vindo a alterar-se devido não só a mudanças sociais, mas também pelas novas realidades económicas e tecnológicas e de emprego. Num mundo onde globalização, a competitividade e a dualidade se encontram em constante debate, os grandes centros vem-se subjugados a estas novas dinâmicas. É nas grandes cidades, com destaques para os respectivos espaços públicos, que se vai notar de forma reforçada estas mudanças. Este influência de forma determinada, o significado e visionamento de uma qualquer estrutura.

A análise que será efectuada ao caso de Braga, terá em vista perceber a evolução dos espaços físicos construídos e analisar a transformação dos elementos da morfologia urbana, mais concretamente, o sistema viário, o parcelamento, os quarteirões, e alguns edificadados, considerados estruturantes, como acontece com as muralhas (Fig. 39).



Fig. 39 - Planta de Braga – Localização do campo da vinha e da Muralha Medieval.

Fonte: *Produção Própria*

3.1 Evolução da Estrutura Urbana e Espaços Públicos

Braga é uma entre muitas cidades europeias que possui uma longa tradição histórica. Nos seus mais de 2000 anos de existência, a velha brácara augusta, conheceu um processo de formação específico, que são a resposta a muitas das suas características morfológicas actuais. Esta constitui um lugar privilegiado de criação e conservação de memórias resultantes de diferentes tempos e experiências, que foram deixando marcas nas suas estruturas e nos diferentes espaços que foram criando a sua forma física. Grande parte dos elementos que nos permitem explicar a evolução urbana de uma cidade e que lhe permitem atribuir uma determinada identidade, são constituídos por preexistências visíveis no edificado sobrevivente, e em alguns traços estruturantes da paisagem urbana, que podem ser simples linhas de parcelas, ruas ou caminhos. A evolução

das formas da cidade assim como os sistemas políticos ou sociais coincidem com uma continuidade formal das estruturas urbanas ao longo dos tempos. Isto vai-se verificar na cidade de Braga, que é palco de sucessivos movimentos urbanos nos quais se conservaram elementos morfológicos de diferentes épocas (romana, medieval e moderna), constituindo peça base no estudo das transformações urbanísticas que as cidades históricas conheceram ao longo da sua existência. Apesar do número reduzido de informação da primitiva Urb. romana Maria do Carmo afirma, que...

"... a cidade conheceu um plano ortogonal coeso, sendo dotada de infra-estruturas de circulação, abastecimento e distribuição de água e redes de saneamento que permitiram desenvolver-se plenamente nos séculos seguintes. A construção de espaços públicos e privados terá sido progressiva e *Bracara Augusta* deverá ter atingido a máxima extensão e monumentalidade no século II." (Maria RIBEIRO; 2008; 203)

Entre os finais do séc. III e inícios do séc. IV, a cidade foi cercada por uma muralha, que viria a provocar inúmeras transformações na sua configuração. A pequena cidade medieval, até ao século XIV, cresceu de forma lenta, passando, a catedral, a constituir o elemento central do espaço urbano. As zonas periféricas da muralha medieval foram, também, sendo sucessivamente urbanizadas. Por volta do séc. XVII, o cronista árabe Abd Al-Hunim Al-Himiari, descreve Braga como uma cidade...

"... que remontava à Antiguidade, foi uma das fundações dos romanos e uma das suas residências reais. Assemelhava-se a Mérida pela solidez dos seus edifícios e pela ordenação das suas muralhas. Está hoje inteiramente destruída e deserta: foi demolida pelos muçulmanos que expulsaram a população ..." (Borges Coelho in Maria RIBEIRO; 2008; 154)

Desde o relato de Abd Al-Hunim Al-Himiari, não se encontram muitos registos conhecidos sobre a cidade, contudo mais tarde, a sociedade medieval reinicia o relato dos factos contemporâneos e dos feitos dos seus monarcas. Entre estes, destaca-se, Fernão Lopes, com a *crónica de D. Fernando*, na qual é referido o estado de ruína da cidade de Braga após a sua invasão pelas tropas de Castela (finais do século XIV), refere a muralha medieval, como um "muro baixo" com uma só torre e a própria cidade é referida, como extensa, mas mal cercada.

Facto que teria facilitado a sua posterior devastação pelos castelhanos. É a partir do séc. XVI que há um maior desenvolvimento dos registos da evolução da cidade. Mais propriamente entre 1505 e 1532, D. Diogo de Sousa, incentivou várias modificações no urbanismo e na arquitectura da cidade, levando mais tarde à valorização destas pelos arcebispos que lhe sucederam e que, à sua imagem, procuraram preservar a identidade da cidade.

Foi por volta de 1508, com os cuidados de D. Diogo de Sousa, que o Campo da vinha se tornou num lugar público. Este pretendia ter um lugar para repousar e conversar (Fig. 40; 41), levando-o a tratá-lo devidamente, distribuindo todo o espaço por terraços sustentados por pequenos muros e oferecê-lo à cidade. Em 1555, o arcebispo D. Frei Baltazar, mandou demolir o cerco das casas da Vinha, uma vez que era prejudicial ao trânsito.



Fig. 40; 41 – A Praça - A feira no campo da Vinha - A praça como espaço de actividades.

Fonte: [Http://old.bpb.uminho.pt/eventos/19990720/fotoarcelino2.JPG](http://old.bpb.uminho.pt/eventos/19990720/fotoarcelino2.JPG)

Fonte: [Http://img12.imageshack.us/img12/7193/357001.jpg](http://img12.imageshack.us/img12/7193/357001.jpg)

Foi nesta altura que surgiu a primeira ilustração iconográfica conhecida para Braga. Trata-se de uma fonte ilustrativa das reformas urbanísticas realizadas por D. Diogo de Sousa, que ajuda no estudo da forma urbana da Braga medieval. Este ficou conhecido como o *Mapa de Braunio* (1594) ou *Mapa Primas* (Fig. 42; 43; 49), onde se encontram assinalados alguns espaços da cidade romana, com destaque para o fórum, ou as principais vias que ligavam Bracara Augusta ao exterior, percebe-se a envolvente mais imediata, bem como as construções mais emblemáticas da época.

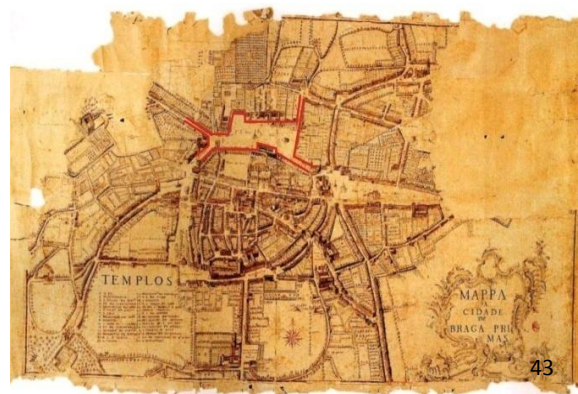
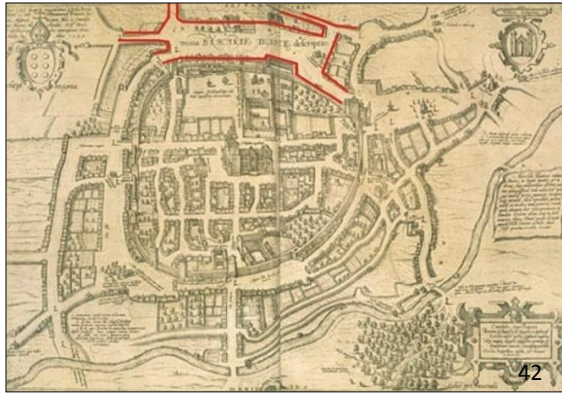


Fig. 42 – 1594 - Nova "bracararum auguste descriptio". **Fig. 43** – Séc. XVIII - Mapa da cidade de braga primas
 Fonte: Desconhecida; Fonte: <http://media.photobucket.com/image/mappa%20da%20cidade%20de%20braga%20primas/nop57751/Braga/BragaGravura1.jpg>

É com o surgimento de José Teixeira (1859-1928), que surge a primeira planta com o primeiro traçado da muralha Romana e com a sua evolução surge mais tarde no séc. XIX, o primeiro levantamento topográfico da cidade, realizado pelo engenheiro civil, Francisco Goullard, à escala 1/500. Neste século, o campo da vinha serviu para algumas feiras que se faziam em Braga, assim como para outras actividades: parada de militares, campo de futebol, jardim, estacionamento de automóveis, etc. Estas transformações terão continuidade no século XIX, muito embora neste último, a zona intramuros tenha sido, afectada pelo crescimento demográfico e por projectos que visaram garantir a sua modernização (Fig. 44; 45).

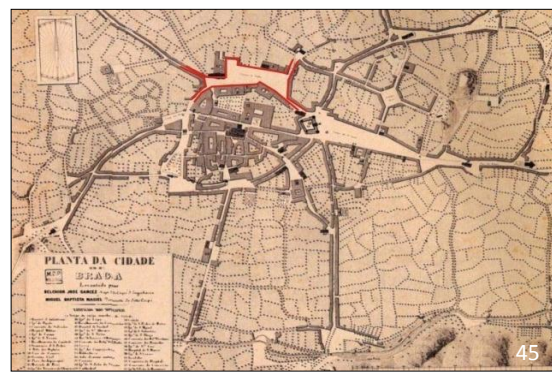


Fig. 44 – Braga - Planta da cidade de braga. **Fig. 45** – Séc. XIX - Planta da cidade de braga
 Fonte: Desconhecida; Fonte: <http://media.photobucket.com/image/mappa%20da%20cidade%20de%20braga%20primas/nop57751/Braga/BragaGravura2.jpg>

Até 1976, o crescimento e a modernização da cidade, deu origem a significativas destruições, que conduziram à perda inevitável de muita da informação sobre o passado da cidade inclusive os pequenos muros,

anteriormente construídos por D. Diogo de Sousa e o castelo medieval, no ano de 1905. E assim manteve-se por longos anos, até que em 1992, a Câmara Municipal de Braga criou um Gabinete de Arqueologia, passando a controlar todas as situações de emergência e salvamento na zona do Centro Histórico da cidade. Desta forma, Braga caracteriza-se pela multiplicidade de elementos sobreviventes de épocas anteriores, que foram integrados no tecido histórico da cidade moderna. Na verdade, parte do edificado existente, goza de uma longa permanência temporal. Esta, não é só evidente a nível do edificado, mas também a nível de diferentes contextos construtivos, tais como os traçados das ruas, na forma dos edifícios, na evolução do uso do solo, e nos materiais utilizados, como por exemplo a taipa medieval ou o granito.

3.2 Análise dos elementos componentes do espaço público

ÁREAS PAVIMENTADAS

As áreas pavimentadas destinam-se principalmente à circulação e permanência de pessoas, às instalações eléctricas e serviços, e com menos frequência mas de igual importância à plantação de árvores e mobiliário urbano. Estas têm uma grande importância no desenho urbano, o que faz delas áreas frágeis e em contínua mudança. A intervenção no campo da vinha é relativamente recente, contudo houveram alguns aspectos menos cuidados na elaboração de algumas áreas pavimentadas, ou seja deparamo-nos com alguns erros que derivam de más opções arquitectónicas que com o passar do tempo tornaram-se ainda mais irregulares e consequentemente perigosos (Fig. 46; 47).



Fig. 46; 47 – O Pavimento - Pavimentos deformados devido à grande afluência de Veículos.

Fonte: Produção Própria

É de salientar a preocupação com a adequação dos materiais, e a diferenciação dos diferentes espaços (Fig. 48; 49). Sabemos que as normas relativas as necessidades de estacionamento, encontram-se ultrapassadas e não satisfazem uma sociedade onde aumentou drasticamente o número de veículos por família. Este foi um aspecto pensado, embora a meu ver em exagero uma vez que é um parque com uma capacidade elevada em relação ao necessário para aquele espaço (Fig. 50; 51). Desta forma, podemos concluir que as áreas pavimentadas, neste caso específico, apesar de facilitarem e definirem as diferentes zonas de circulação permitindo uma leitura diversificada do espaço, também levam a situações menos agradáveis como os desníveis, acumulação de água e camadas de gelo que consequentemente levam a que as pessoas evitem estes espaços, diminuindo a afluência aos mesmos.



Fig. 48; 49 – O Pavimento - Utilização de diferentes tipos de Pavimentos.

Fonte: *Produção Própria*

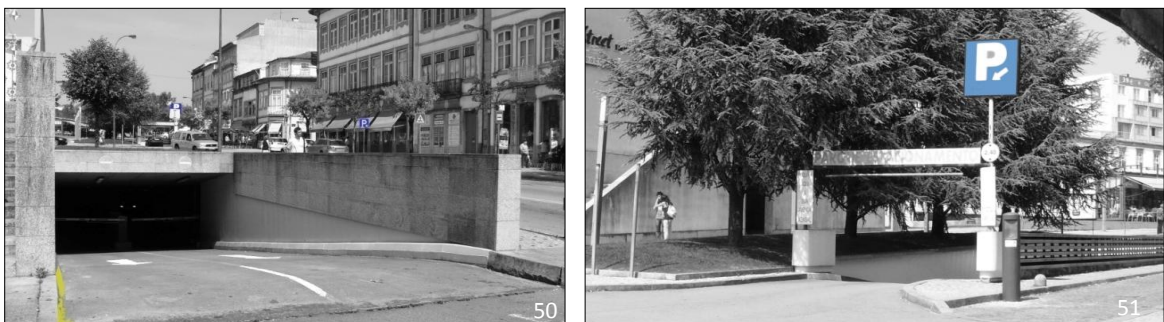


Fig. 50; 51 – O Parque - Acessos ao Parque de Estacionamento subterrâneo.

Fonte: *Produção Própria*

EDIFÍCIO

. Fachada

A complexidade da composição das fachadas tradicionais, com aberturas de grande importância, compostos por vários eixos de simetria (Fig. 52: 52), contrasta com a simplicidade e uniformidade da maior parte dos edifícios modernos (Fig. 53:

52). Isto é visível no Campo da Vinha com o edifício do Wall Street Institute. Os novos materiais e a alteração das dimensões das aberturas, veio alterar o significado assim como a forma de encarar o edifício e o espaço circundante, passando a ser um objecto isolado em redor do qual existe espaço livre. Actualmente maior parte dos edifícios recentes tais como o Finibanco e o Wall Street Institute, tem um uso específico concentrando determinadas actividades comerciais, contudo os edifícios antigos continuam a preservar algum comércio nos pisos inferiores (Fig. 54; 55), embora muito pouco, uma vez que tem diminuído devido à menor afluência do espaço, e neste momento alguns pisos rés-do-chão dos edifícios antigos não tem qualquer função. Infelizmente, os edifícios mais recentes, não se enquadram com os circundantes, estabelecendo um confronto directo com edifícios históricos de fachadas antigas, dotadas de imensos e ricos elementos tradicionais e desvalorizando um espaço com uma forte carga histórica, uma vez que a sua localização impede importantes perspectivas. É de salientar que estas questões de enquadramento e de confronto de estilos são questões muito frágeis que quando não são devidamente ponderadas causam alterações a nível das vivências do próprio espaço, que é o caso do campo da vinha.



Fig. 52; 53 – O Edifício - Diferentes épocas, diferentes atitudes.

Fonte: Produção Própria



Fig. 54; 55 – A Rua - Actividade Comercial em Pisos rés-do-chão.

Fonte: Produção Própria

. Restauros e aumentos nas fachadas dos edifícios

Os conceitos de reabilitação, recuperação e restauro, não tendem a manter inalterável a imagem da cidade, mas modifica-la, adaptando-a às diferentes alterações dos tempos sem que se perca a sua carga histórica. Entre os restauros efectuados em muitos edifícios, no campo da vinha, destacam-se algumas intervenções como, o acrescento de mais pisos. Encontramos o exemplo de um edifício que respeitou o traçado antigo mas ao efectuar-se um acrescento no último piso usou-se uma linguagem diferente, de forma a afirmar a diferença entre as duas épocas (Fig. 56; 57). Estas requalificações trazem ao espaço maior qualidade e adopção às diferentes exigências quotidianas, sem deixar de preservar a história e memória destes edifícios. Contudo, ainda assistimos à degradação de alguns deles ou à falta de adaptação de estes a novas actividades (Fig. 58; 59) o que faz com que o espaço se torne menos apelativo não contribuindo para a afluência de pessoas.



Fig. 56; 57 – A Fachada - Restauros e aumentos nas fachadas dos edifícios.

Fonte: *Produção Própria*

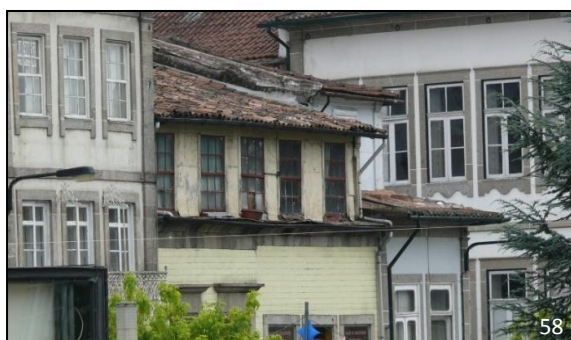


Fig. 58; 59 – O Edifício - Degradação de alguns edifícios existentes.

Fonte: *Produção Própria*

VIAS

As necessidades do presente levaram a pensar-se melhor nos diferentes traçados existentes. Sentiu-se necessidade de serem alargadas as velhas ruas tendo surgido outras pela necessidade que se foi sentindo de unir entre si diversos pontos da cidade. As vias são dominantes em muitas imagens individuais, e podem ser a fonte principal de organização à escala citadina, tendo relações íntimas com outro tipo de elementos. As principais, deveriam ter uma qualidade particular capaz de as demarcar dos canais circundantes, o que nos leva a uma hierarquia visual de ruas e caminhos (Fig. 60; 61). O Campo da Vinha é um espaço destinado maioritariamente para o trânsito pedonal, existindo trânsito rodoviário basicamente a circundar a praça, o que nos leva a pensar que é um espaço pensado em primeiro lugar para os peões. Contudo existe uma via de coexistência, que funciona como zona de cargas e descargas para o comércio local. Esta não é bem perceptível em alguns locais o que prejudica a circulação dos peões e interfere com a existência de outros elementos do espaço público. Em suma o facto do sistema viário delimitar a praça do campo da vinha, faz com que as pessoas não se sintam condicionadas as regras do tráfego viário, tornando-o num espaço seguro e não interferindo nas diferentes formas de socialização.



Fig. 60; 61 – A Rua - Diferentes tipos de vias.

Fonte: *Produção Própria*

PRAÇAS

A praça distingue-se dos outros espaços, pela sua organização espacial e intencionalidade de desenho, esta necessita de uma intenção e de um programa. Ao contrário da rua, que é um espaço de trânsito, a praça Conde Agrolongo é um lugar de destino, lugar de encontro, permanência, uma

manifestação da vida urbana, ou seja é a expressão da sociedade. A sua forma proporciona o encontro, nem é algo muito aberto para não se diluir no próprio espaço nem algo muito fechado, de difícil acesso. Esta pode ser encarada como sendo dois espaços distintos fruto da via Alferes Alfredo Ferreira que as separa. Um deles caracteriza-se por um espaço de passagem e de estar (Fig. 62), tendo uma configuração simples, contudo o seu desenho torna-se confuso devido a inclusão de diversos elementos, tornando o espaço em algumas partes de difícil circulação e entendimento. Enquanto o outro tem um carácter mais de contemplação ao edifício que a ladeia (Fig. 63), levando-o a ser menos acolhedor e chamativo diminuindo a possibilidade de socialização, tornando-se um espaço aborrecido e pouco vivido.



Fig. 62 – A Praça - Praça enquanto espaço de estar.

Fonte: *Produção Própria*



Fig. 63 – A Praça - Praça enquanto espaço de contemplação.

Fonte: *Produção Própria*

. Monumentos

O monumento poderá ser uma construção, obra de arquitectura ou escultura. Estes últimos, tem como principal problema a sua localização, muitas vezes feita em zonas de passagem e mesmo obstruindo importantes perspectivas. É muitas vezes um facto singular, individualizado pela sua configuração ou

posicionamento (Fig. 64). Muitos deles têm carência de conteúdo simbólico (Fig. 65) o que leva sua recusa por parte da população. O convento do Pópulo enquanto monumento, não padece destes problemas uma vez que é um edifício com uma forte carga histórica. Os monumentos são um dos elementos morfológicos da cidade que mais perdura resistindo a diferentes transformações. A sua função é simplesmente cultural ou histórica (Fig. 66) e a presença destes, ajuda a identificar o próprio espaço tornando-o mais atractivo.



Fig. 64 a 66 – O Monumento - O monumento adquire diferentes tipos de atitudes.

Fonte: *Produção Própria*

VEGETAÇÃO

Ao longo dos tempos, os espaços verdes assumiram diferentes formas: espaços de lazer e recreio, enquadramento de infra-estruturas e edifícios (Fig. 70: 57), integração com linhas de água, etc. Estes asseguram a ligação da paisagem com as diferentes redes de circulação e exercem influência ao nível do clima e qualificação da cidade. O seu grau de interesse permanece igual desde a cidade tradicional até ao novo urbanismo, contudo actualmente, assume um maior realce uma vez que os seus benefícios contribuem para um ecossistema mais sustentável. Um dos principais problemas apontados ao espaço público muitas das vezes é a inexistência de vegetação. Embora o campo da vinha tenha muito poucos espaços verdes os que encontramos tem importantes funções: compartimentar áreas pedonais, separar passeios, possibilitar zonas de sombra, entre outros (Fig. 67 a 69: 57). Estas zonas nem sempre têm os cuidados desejados, e normalmente são pensadas segundo regras de geometria rígidas, esquecendo a verdadeira necessidade da sua utilização. A pouca variedade de

espécies e a pouca quantidade torna a praça muito exposta as diferentes condições climáticas e proporciona poucos espaços de estar em contacto com os espaços verdes o que consequentemente leva ao afastamento das pessoas principalmente em alturas de maior calor.



Fig. 67; 68 – A Vegetação - Diferentes formas de utilização dos espaços verdes.

Fonte: Produção Própria



Fig. 69; 70 – A Vegetação - Diferentes formas de utilização dos espaços verdes.

Fonte: Produção Própria

MOBILIÁRIO URBANO

Por mobiliário urbano entende-se ser um conjunto de elementos que se integram na via pública com o intuito de atender a uma necessidade social e a prestar um determinado serviço. Devido à grande diversidade de elementos, é praticamente impossível estabelecer critérios para a sua localização na via pública. Estes não são um problema para o Campo da Vinha, a sua existência é frequente, contudo alguns necessitam de alguma “orientação”, tais como ter atenção à qualidade e proximidade destes, e não menos importante, ter atenção à condição solar, protecção da chuva, vento e do ruído intenso. São indispensáveis para a comodidade das pessoas, mas também servem para uma

maior qualidade do espaço disponibilizando diferentes serviços e levando à não necessidade de deslocações contribuindo para um espaço agradável e de fácil convivência.

. Iluminação e publicidade

Nem sempre damos a importância necessária a iluminação, contudo esta torna-se de extrema importância principalmente de noite quando carecemos de luz natural. No campo da vinha a iluminação tem sido feita com lâmpadas de luz concentrada elevadas sobre postes altos que requerem alguma manutenção (Fig. 71), contudo também há lugares onde se utiliza dispositivos no solo que muitas vezes são de uma preocupação extrema a nível de desenho e originalidade e não são pensados a nível da função (Fig. 72). É de noite que se nota a sua presença, embora escassa. O espaço torna-se de difícil leitura elevando a sensação de desconforto e insegurança, afastando as pessoas do próprio espaço. Também é notória a presença de elementos "parasitários" que invadem e apoderam-se de qualquer tipo de estruturas edificadas, através de elementos móveis: anúncios, montras, sinais, painéis publicitários, etc. (Fig. 73; 74)

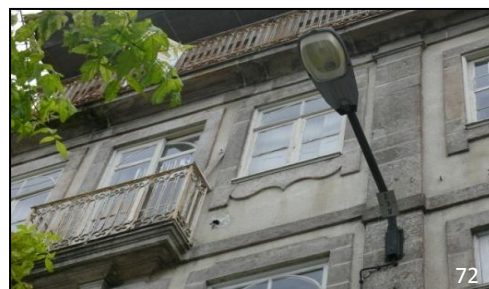


Fig. 71; 72 – A Iluminação - Diferentes tipos de iluminação.

Fonte: Produção Própria



Fig. 73; 74 – A Publicidade - Elementos publicitários pontuais.

Fonte: Produção Própria

. Bancos, papeleiras e Fontes

O principal problema adjacente aos bancos é o facto de estes serem poucos ou em alguns casos inexistentes, o que reduz o tempo de permanência nesses mesmos espaços. Nota-se um cuidado na colocação deste tipo de mobiliário, exceptuando os que se encontram na rua de coexistência onde se torna difícil a passagem de um veículo quando se encontra alguém sentado nos bancos. O seu número é reduzido, contudo os que se encontram estão devidamente protegidos do sol e com vistas agradáveis. (Fig. 75; 76). O primeiro problema que se encontra quando nos referimos as papeleiras é a irregularidade da sua distribuição. A falta destas é principalmente notória nos espaços situados perto de estabelecimentos que proporcionam produtos para consumo rápido (Fig. 77).



Fig. 75 a 77 – Mobiliário Urbano - Exemplos de mobiliário utilizado.

Fonte: Produção Própria

As fontes de água são especialmente importantes para a identificação do próprio espaço, tornando o espaço mais dinâmico e pessoal, servindo de união entre o edificado e as pessoas. Estas encontram-se em bom estado devido a sua constante manutenção, desempenhando desta forma as funções atrás referidas (Fig. 78; 79; 60). Contudo é importante referir que em certas épocas do ano, as condições climáticas fazem com que a água proveniente das fontes se espalhe no pavimento levando a criação de um manto de gelo e consequentemente levanta dificuldades à circulação pedonal.

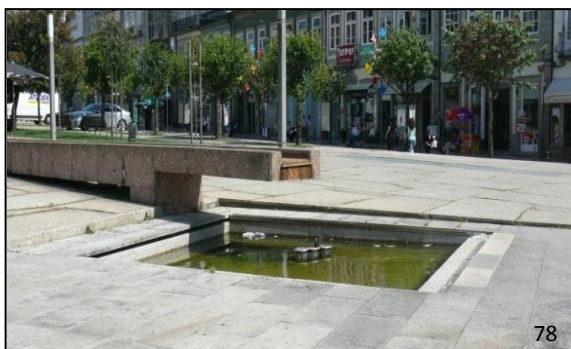


Fig. 78; 79 – A Fonte - As fontes como forma de criar diferentes ambientes.

Fonte: Produção Própria

. Elementos de separação e protecção

Estes elementos servem principalmente para impedir o acesso de veículos (Fig. 80) às áreas pedonais e pessoas às ornamentais, servindo também para a protecção das crianças e para definição dos diferentes espaços. O principal problema destes, deve-se a sua altura que nem sempre é a mais indicada e a existência de buracos que permitem o seu atravessamento (Fig. 81). Os diferentes espaços, estão protegidos por estes elementos, embora na zona das crianças a sua solidez não será a desejada uma vez que são de fácil atravessamento para as mesmas. Estes são importantes na medida em que auxiliam a circulação das pessoas.

60



Fig. 80; 81 – Mobiliário Urbano - Espaços distintos requerem protecções distintas.

Fonte: Produção Própria

. Jogos infantis, contentores de lixo e caixas de Instalações

Um dos problemas mais notórios dos jogos infantis existentes no campo da vinha, é a sua exposição ao sol de verão e aos ventos de inverno (Fig. 82; 83: 61), contudo o piso utilizado é o adequado à função a que está destinado. Em relação aos contentores do lixo, a sua localização nem sempre é devidamente pensada, a

sua inexistência leva a que seja colocado geralmente no meio da rua encostado a algum mobiliário urbano existente, o que provoca maus odores devido a decomposição dos resíduos que nem sempre são recolhidos. As caixas de instalações têm o inconveniente de nem sempre estarem bem situadas, interferindo também com os peões. Quando estes se encontram junto as fachadas, a interferência funcional e visual é muito menor, o que ocorre no campo da vinha (Fig. 84 a 86). Em suma, estes pequenos problemas contribuem para que a qualidade do espaço seja menor e conseqüentemente a sua utilização mais reduzida.



Fig. 82; 83 – Jogos - Locais de diversão expostos às diferentes condições climáticas.

Fonte: *Produção Própria*



Fig. 84 a 86 – Mobiliário Urbano - Localização das diversas caixas de Instalações existentes.

Fonte: *Produção Própria*

. Paragens de autocarros, coberturas, quiosques e Passagens para peões

Nos espaços públicos urbanos tem proliferado a existência de quiosques (Fig. 91: 62), expositores de diferentes tipos de venda (Fig. 87: 62) e coberturas (Fig. 88: 62). A sua localização muitas vezes deixa a desejar, embora haja espaço para a circulação de pessoas torna-se confuso quando estes se situam no meio dos passeios. Quase todos os quiosques inclusive o que se situa no campo da vinha, carecem de instalações sanitárias e mesmo de abastecimento de água.



Fig. 87; 88 – Coberturas - Exemplos de Coberturas existentes.

Fonte: *Produção Própria*

Quanto às paragens de autocarros, o principal problema reside na sua má localização, visto que se encontram muitas vezes em passeios estreitos dificultando a passagem de peões (Fig. 89). Para facilitar a circulação do tráfego rodado são feitas muitas vezes passagens pedonais elevadas, ou seja pontes. No campo da vinha encontra-se algo deste género, a existência de uma galeria numa cota inferior à da rua, levou a construção de uma passagem (Fig. 90). O seu estado é bom, tem as devidas protecções e o acesso para pessoas de mobilidade condicionada foi devidamente pensado. Em suma, são elementos que servem de apoio as diferentes vivências ocorridas no espaço, elevando o seu nível de qualidade e conforto.

62



Fig. 89 a 91 – Mobiliário Urbano - Exemplos de mobiliário urbano existente.

Fonte: *Produção Própria*

3.3 O espaço Público de Braga e as Pessoas

Cada cidade e consequentemente o seu espaço público, corresponde a um conjunto de factores organizados e interligados entre si, que devem ser devidamente preservados e revitalizados como forma de perpetuar um conjunto de memórias e saberes, mas também porque é um espaço onde se organiza uma população, com as suas vivências e necessidades.

Braga, em particular o campo da vinha, apesar de muitas alterações preserva alguns valores como a história e a tradição que nos permitem perceber o seu processo de evolução. Grande parte destes valores estão presentes em alguns edifícios que o configuram como por exemplo o convento do Pópulo e que são fundamentais porque possibilitam que este espaço assuma uma identidade própria. O campo da vinha adquire assim uma dimensão simbólica na medida em que se assume como um lugar de referência e com significado na estrutura urbana de Braga. Contudo é importante referir que o centro urbano do campo da vinha preserva algum do carácter social e de confraternização de que era característico, ou por outras palavras, para além da dimensão simbólica encerra em si mesmo uma dimensão funcional e estética fundamentais para que as pessoas se possam relacionar com o espaço e entre elas.

No que diz respeito à dimensão funcional a forma como os diversos elementos constituintes do espaço público interagem permite que este assuma uma função de organizador e consequentemente se socializador. A forma como as casas se relacionam com a rua são exemplos disto. Estas são estreitas e compridas, dando directamente para a rua, onde o rés-do-chão é basicamente para o comércio, o que cria uma certa heterogeneidade nos edifícios, proporcionando uma estreita relação com o espaço público e obrigando a uma maior convivência entre as pessoas. Estas quando dispõem de tempo livre sentem necessidade de desfrutar de espaços ao ar livre, procurando o campo da vinha, não só quando se encontram numa situação solitária mas também para estabelecer algum contacto e interacção social.

Esta relação com o espaço tem de permitir uma fácil convivência, segurança e o mínimo de conforto para isso também contribuem o tratamento dado aos diversos elementos (dimensão estética) e o desenho desses mesmos elementos. Quando os espaços possuem este tipo de condições as pessoas além de continuarem com as actividades obrigatórias do dia-a-dia, disponibilizam-se a despendar mais tempo na sua prática, arranjando disponibilidade para a ocorrência de um maior número de actividades opcionais (sociais). Apesar de se encontrar este tipo de situações no campo da vinha as suas adversidades referidas anteriormente levam a que esta situação não assuma os índices desejados. De acordo com Gehl,

“O desejo próprio do indivíduo em realizar praticar determinadas actividades, condicionado pela qualidade do ambiente urbano existente ou pelas condições climáticas que se verificam no momento, leva a que o sujeito realize actividades de tipo opcional no espaço público.” (in Francisco SERDOURA e F. Nunes da Silva; 2006: 6;7)

A variedade de equipamentos de que dispõe o campo da vinha como cafés, parques infantis, estabelecimentos comerciais, etc., permite uma série de actividades para todo o tipo de idades. Dos diferentes grupos etários lá presentes, são os “idosos” que registam um maior número de presenças no espaço (Fig. 92). A sua vida, de carácter mais individualizado, orientado para a permanência, leva-os a escolherem locais onde existem bancos ou muros para se sentarem, passando algum tempo em privacidade ou em interacção com outros idosos. Contudo escolhem locais, próximos de outras pessoas, dedicando-se sobretudo a observar as actividades das mesmas.



Fig. 92 – A Praça - Espaço Público enquanto local de Lazer e convívio.

Fonte: Produção Própria

A presença dos outros escalões etários é mais reduzida, os “adultos” utilizam o campo da vinha mais como um espaço de passagem, e pontualmente como zona de estar, devido ao tipo de actividade que exercem. As crianças são as que registam um menor número de presenças uma vez que se encontram em infantários e escolas. Os níveis de afluência ao campo da vinha, são baseados em variados factores referidos anteriormente que permitiram testar a agradabilidade do espaço e as relações entre as pessoas e o próprio espaço. São estes que fazem aumentar ou não os índices de fruição no campo da vinha. Apesar do espaço ter melhorado em relação ao que existia anteriormente,

algumas das opções tomadas não foram as mais indicadas e são estas as responsáveis pelos ainda baixos níveis de afluência a este espaço. Em síntese, o campo da vinha, ainda consegue preservar o seu carácter de espaço de interacção (Fig. 93; 94). Para isso foi necessária uma estreita relação entre os espaços públicos e o contexto urbano em que este se insere, nunca esquecendo as mudanças culturais e da vida urbana que as pessoas promovem individualmente e em grupo, uma vez que são essas mudanças que produzem novas necessidades e consequentemente novos espaços.



Fig. 93; 94 – Actividades Urbanas - Diferentes formas de utilização do espaço.

Fonte: *Produção Própria*

3.4 Conclusão

A análise da estrutura urbana de Braga serviu para perceber a evolução das suas principais características morfológicas ocorridas tanto a nível do edificado sobrevivente assim como de alguns elementos estruturantes como as ruas e as praças. Percebemos que as funções iniciais, enquanto espaço de socialização e organizador da estrutura urbana, ainda se encontram presentes nos dias de hoje só que de uma forma menos marcante, ou seja, antigamente o campo da vinha possuía uma grande carga histórica e simbólica fruto da importância do seu edificado e do seu carácter socializador que agora se tem vindo a desvanecer. A evolução deste, aliada à intervenção feita a cerca de 15 anos contribuíram para que o campo da vinha se desvirtuasse um pouco tanto a nível físico (elementos morfológicos), como a nível social, ou seja, a relação das pessoas entre si e o espaço, possibilitando-nos identificar as suas principais falhas. Estas obrigam-nos a uma maior reflexão sobre o espaço, levando-nos a dar o nosso contributo não só para este em específico mas para o espaço público em geral.

4 Contributo para o melhoramento do espaço público

Os espaços públicos são fruto de um conjunto de factores culturais, sociais e políticos, ou seja, são espaços criados de forma a responder às necessidades e aos valores de uma sociedade que se encontra em constante transformação. Actualmente, temos vindo a urbanizar territórios em vez de construir cidades, ou seja, partimos do individual como se não soubéssemos que este faz parte de um todo, e tratamos os espaços como meros fragmentos, esquecendo a necessidade de relacionar o espaço público com o contexto urbano onde este se insere, de forma a ter em conta as transformações culturais e de vida, já que são estas que produzem novas mudanças e novos espaços. Esta situação leva a que um dos aspectos que mais caracteriza o espaço público, o seu carácter socializante, tenha vindo a desaparecer. São questões que retiram constantemente ao espaço público, protagonismo e consequentemente identidade. São novas formas de vida que levam a um total isolamento entre as pessoas, em que estas não se falam, não se conhecem, e tem relações meramente formais. Fazer destes espaços “Lugares”, depende da sua capacidade para gerir a complexidade do meio onde se insere. O seu êxito vai passar por variadas questões, não só formais mas também vivenciais. Estes devem ser pensados à escala homem de modo a proporcionar uma maior interacção entre as pessoas e o próprio espaço. (Fig. 95).



Fig. 95 – Parque das Nações – Exemplo de um lugar de perfeita interacção entre pessoas e o espaço público.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9772183>

Devem ser espaços acessíveis a todos independentemente da idade, capacidade, origens ou rendimento. Contudo não nos podemos esquecer que a situação actual do espaço público não decorre de um processo natural ao qual

ele não pode fugir, antes pelo contrário, esta situação, por vezes de decadência, é fruto de um conjunto de decisões que nós enquanto sociedade tomamos. De forma a contrariar estas decisões, no meu ponto de vista devemos ter em conta diferentes aspectos.

Como ponto de partida temos de sentir que o cidadão sente a influência que o espaço exerce sobre ele, para que este quando usufrua do mesmo também se responsabilize pela sua vitalidade, conforto e segurança. Espaços com um projecto, com ideias e com propostas inovadoras. Para isto necessitamos de nos concentrar mais no envolvimento do cidadão. Este tem de cultivar o espaço, e fazer dele parte integrante do seu dia-a-dia. Se o espaço público oferecer ao indivíduo lugares de natureza diversa (Fig. 96; 97), de forma a servir variados propósitos, certamente este fruirá deles e estabelecerá diferentes tipos de relações. O cidadão ao eleger o espaço público para expandir os seus diversos estados de espírito, estará a investir na sua relação com o espaço e com os demais que nele vivem e dele usufruem. A coerência deste assegurar-se-á pela sua utilização e por uma vida citadina de qualidade. Só desta forma conseguiremos chegar a um ambiente urbano saudável e de qualidade. Assim, do meu ponto de vista temos como obrigação preservar os elementos morfológicos, a história, as perspectivas sobre o espaço, etc., como factores que melhor o caracterizam. Para isso é importante um maior cuidado no desenho do espaço público.



Fig. 96; 97 – Parque das Nações – O espaço como local de diversas actividades.

Fonte: Luiz Trigueiros; Claudio Sat; Cristina Oliveira, (1998: 58;113)

Em relação ao sistema viário devemos pensar em espaços que canalizem o trânsito e fomentem o transporte público para além de facilitar a circulação

pedonal, integrando alguns caminhos ou ruas na estrutura do espaço público. Uma rede de transportes públicos eficaz e a limitação do crescente fluxo automóvel, aliadas a uma mobilidade pedonal e a uma boa rede de meios transporte não poluentes, seria garantia para uma perfeita mobilidade para o cidadão. Com a redução do fluxo automóvel, a rua tornar-se-ia menos perigosa e menos ruidosa, logo mais confortável para o peão, levando a que as pessoas que antes se deslocavam de carro se tornassem mais activas, circulando a pé, de bicicleta e também de transportes públicos. Como exemplo ilustrativo desta ideia temos a Alameda dos oceanos (Parque das Nações) (Fig. 98; 99), pensada “...como uma via para transportes públicos e não como uma via aberta para circulação (...) O recinto é relativamente estreito e pretende-se privilegiar aquele espaço como uma grande área pedonal. “ (Manuel SALGADO; 2000: 29)



Fig. 98 – Alameda dos Oceanos - Aos veículos é deixado o mínimo espaço possível para a sua circulação.

Fonte: [Http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9772183](http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9772183)



Fig. 99 – Alameda dos Oceanos - Os peões dispõem de largos passeios sombreados por filas de árvores.

Fonte: [Http://lh5.ggpht.com/_3z-zYqo0ZZg/ScAmxFHglFI/AAAAAAAAA_4/MtHBubMcDBI/IMG0861.JPG](http://lh5.ggpht.com/_3z-zYqo0ZZg/ScAmxFHglFI/AAAAAAAAA_4/MtHBubMcDBI/IMG0861.JPG)

Em relação aos pavimentos, devemos ter em atenção o tipo de material a utilizar, ou seja, devem ser escolhidos dependendo da sua textura e cor de acordo com o tipo de função a que este se destina (Fig. 100 a 102: 69), por exemplo os das áreas pedonais devem ser executados com materiais duros e anti-

deslizantes e sem irregularidades de forma a facilitar a circulação das pessoas. O material utilizado poderá permitir variados padrões de desenho assim como a sua reutilização sempre que ocorrem trabalhos no pavimento (Fig. 103; 104).



Fig. 100 a 102 – Pavimentos – Adequação dos materiais ao tipo de espaço e função a que se destina.

Fonte: <http://ic2.pbase.com/t6/21/4921/4/16618631.RqZZQmr.jpg>

Fonte: Paisa Nº 2 (2007: 40)



Fig. 103; 104 – Pavimentos – O desenho aliado ao tipo de material define o carácter do espaço.

Fonte: Paisa Nº2 (2007: 38) Fonte: Paisa Nº4 (2008: 38)

A existência de espaços verdes, é essencial para o bem-estar dos cidadãos, logo a sua localização e a sua diversidade tem de ser factores precisos na hora de projectar um espaço, ou seja, nos espaços livres existentes devemos integrar conjuntos de árvores, enquanto nas ruas e caminhos deverão ser colocadas em filas (Fig. 105; 106: 70). No que diz respeito à sua manutenção deve-se obedecer a alguns critérios de plantação e poda. O sua escolha deve ter em conta variados aspectos inclusive o soleamento no inverno e a sombra no verão (Fig. 107; 108: 70), para isso o tipo de vegetação deve ser de folha caduca.

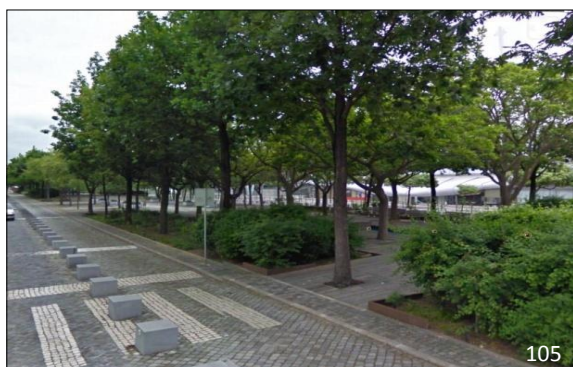


Fig. 105; 106 – Vegetação – Vegetação como elemento definidor do espaço.

Fonte: www.googleearth.com Fonte: [Paisea Nº2 \(2007: 24\)](#)



Fig. 107; 108 – Vegetação – O tipo de vegetação contribuem para o conforto do espaço

Fonte: [Http://www.parqueexpo.pt/SiteCollectionImages/Publica%C3%A7%C3%B5es/Arvores%20Parque%20Nacoes.jpg](http://www.parqueexpo.pt/SiteCollectionImages/Publica%C3%A7%C3%B5es/Arvores%20Parque%20Nacoes.jpg)

Fonte: [Paisea Nº2 \(2007: 24\)](#)

O parque das nações é um bom exemplo da relação entre os diversos espaços, não só a nível temático mas também dos percursos, que integram elementos vegetais e mobiliário urbano, tais como candeeiros, bebedouros, coberturas, quiosques de tal forma que cria uma imagem uniforme entre os vários elementos (Fig. 109; 110).



Fig. 109; 110 – Parque das Nações - Conjugação dos diferentes elementos cria uma unidade espacial.

Fonte: [Luiz Trigueiros; Claudio Sat; Cristina Oliveira, \(1998: 156; 207\)](#)

Arte urbana jogos de água equipamentos e sinalética..., ou seja, o mobiliário urbano, contribuem para a qualificação do espaço público, além de desempenharem importantes funções para uma correcta fruição do espaço, sua memorização e identidade. Para isto devemos ter em especial atenção o material utilizado e a sua localização, isto é, materiais resistentes e de fácil manutenção situados de acordo com a sua importância mas que não interfiram com as diversas actividades existentes no espaço público nem que obstrua as vistas do mesmo. A localização dos bancos deve ter em conta os percursos que as pessoas realizam, mas nunca pondo em causa a sua mobilidade (Fig. 111; 112). As papeleiras devem situar-se em locais onde as pessoas mais circulam, por exemplo, à entrada de edifícios, perto das zonas de comércio e de mais espera, como paragens de autocarros, e até mesmo juntos aos bancos (Fig. 113; 114).

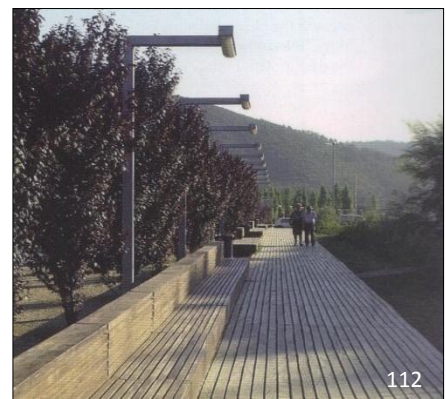


Fig. 111; 112 – Mobiliário Urbano – A localização do mobiliário urbano varia e atribui ao espaço momentos e situações distintas. **Fonte:** Paisea Nº2 (2007: 16: 46)



Fig. 113; 114 – Mobiliário Urbano – A existência de mobiliário urbano valoriza o espaço e oferece-lhe um maior nível de conforto e qualidade. **Fonte:** <http://www.pbase.com/diasdosreis/image/16647249>

Fonte: Luiz Trigueiros; Claudio Sat; Cristina Oliveira, (1998: 194)

Em suma, a qualidade do desenho urbano (largura dos passeios, tipo de materiais), a presença de mobiliário urbano, o cuidado a ter com este e a qualidade ambiental (áreas de sombra, elementos de água, tipo de vegetação), são factores que permitem assegurar a agradabilidade do espaço assim como a relação entre este e as pessoas.

Mais do que tomar estas directrizes como uma verdade absoluta, pretendo demonstrar uma forma para a resolução dos problemas apontados anteriormente. É verdade que dificilmente conseguimos mudar as pessoas, já os espaços, não é bem assim. Estes serão tão mutáveis quanto o permitir a imaginação de cada um. Ao investirmos na qualidade da relação entre o espaço público e o indivíduo, estaremos a contribuir para um ambiente e um espaço de qualidade. Este poderá passar por um conceito de "cidade lenta", ou seja, por um estilo de vida sem stress, onde o respeito pelo meio ambiente, a relação com a natureza e a gestão do trânsito, são factores de maior destaque. Desta forma, é importante o envolvimento activo com os utilizadores, para que as críticas e opiniões que estes poderão fornecer se tornem uma mais-valia a incorporar no processo da concepção e alteração do espaço público em geral.

CONCLUSÃO

A compatibilidade do espaço público tradicional aos modos de vida contemporâneo é possível se tivermos em conta alguns aspectos como o desenho do próprio espaço, a sociedade e a estrutura urbana em que está inserido. A sociedade tem-se vindo alterar fazendo com que o conceito de espaço público enquanto espaço de socialização e aberto a todos também se altere. Hoje em dia são inúmeros os espaços em que se valoriza a privacidade, onde o espaço doméstico começa a ser mais importante, assim como os lugares de consumo, como bares, restaurantes e centros comerciais. Cada vez mais a função de espaço de passagem sobrepõem-se à função de estar, e o espaço público, começa a perder o seu carácter de espaço de convívio e interacção social passando a ser usado maioritariamente por pessoas que não tem espaço privado ou condições para aceder a lugares de socialização mais privada. Esta situação é constatada no exemplo estudado. O Campo da vinha apesar de ter sido alvo de uma transformação não conseguiu recuperar a função socializante que possuía devido a variados factores referidos anteriormente um dos quais a qualidade do desenho.

De forma a contrariar esta tendência o espaço público acima de tudo deve ser bem desenhado porque só assim atrairá pessoas. Deve ser flexível de forma a se adaptar a inúmeros funções e significados visto que é frequentado por um interminável número de pessoas de variados classes, temperamentos, hobbies, etc. Para isto é necessário ter uma nova atitude, olhando para ele de forma mais pessoal, para que este se adapte a novos símbolos representadores da vida urbana.

É certo que temos a ideia de que o espaço público é um espaço vulnerável, mas podemos dizer antes que se trata de um espaço com uma enorme capacidade de interacção social. Ao ser humano cabe unicamente saber aceitar as diferenças e de controlar as desigualdades e conflitos de uma sociedade cada vez mais díspar entre si, daí serem estes espaços os melhores suportes do processo de socialização colectiva, possibilitando-nos o maior número de compatibilidades e situações distintas, sem comprometer a intervenção seja de quem for.

Assim podemos aferir que o espaço público deve ter um importante papel como dinamizador das diferentes actividades sociais económicas e ambientais, sendo um espaço onde se desenvolvam práticas de sociabilização, e não um mero espaço de passagem. Os benefícios para os seus utilizadores serão inúmeros, uma vez que terão o poder de estruturar e embelezar a vida do cidadão, oferecendo-lhe equilíbrio e qualidade de vida.

Desta forma podemos concluir que o espaço público, é fundamental para as diferentes vivências humanas, na medida que é nele que se desenvolvem diferentes tipos de interacção entre os seus utilizadores e mais importante ainda estes continuam a cumprir as funções para que existem, o que mudou foram as vivências, contudo para tal é necessária a sua adaptação aos padrões actuais, recuperando o seu protagonismo, a fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Em suma este trabalho apresentou uma série de questões iniciais, as quais tentei dar uma resposta, contudo surgiram outras, que demonstram que poderá ser o início de uma longa investigação, uma vez que se trata de um tema em constante transformação. Foi também extremamente enriquecedor, não só pelo conhecimento adquirido, mas pelo facto de me despertar para acontecimentos vulgares, que geralmente não dou muita importância mas que na realidade são cruciais para a compatibilidade entre o próprio espaço e os modos de vida que vão surgindo.

Bibliografia

Consulta directa

BAHIA, Maria João; Rodrigo Cunha. 2006. Retrato de Charters de Almeida. Círculo de Leitores.

BOHIGAS, Oriol. 2004. Espacio Público - Contra la incontinencia urbana: Reconsideración Moral de la Arquitectura y la Ciudad. Editorial Electa.

CAZ, Rosario; **GIGOSOS**, Pablo; **SARAIVA**, Manuel. 2004. Planes Parciales Residenciales: Manual profesional. Junta de castilla y león.

DELFANTE, Charles. 1997. A grande história da cidade: da mesopotâmia aos Estados Unidos. Lisboa, Instituto Piaget.

FINE, Marc. 2007. Espacios Urbanos. Atrium, México D.F.

GOITIA, Fernando Chueca. 2003. Breve História do Urbanismo. 5º ed, Lisboa: Editorial Presença.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. 2000. Morfologia urbana e desenho da cidade. 2º ed, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LYNCH, Kevin. 2008. A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70.

OLIVEIRA, Eduardo Pires; **MOURA**, Eduardo Souto; **MESQUITA**, João. Setembro 1982. Evolução da Estrutura Urbana. Estudos bracarense 3.

PAISEA, 2008. La Calle, nº 4. Espanha: Editora Paisea.

PAISEA, 2007. Parque Urbano, nº 2. Espanha: Editora Paisea.

REIS, Patricia. 2000. Manuel Salgado. Espaços Públicos. Editorial Parque das Nações.

REVISTA A+T. nº 26. 2005 - Aurora Fernández Per, Javier Arpa - The Public Chance: New urban landscapes. In Common Series. Editorial A+t's publications.

SARANDESES, José Martínez; **MOLINA**, Maria Agustina Herrero; **MURO**, Maria Medina Muro. 1990. Espacios públicos urbanos: Trazado, urbanización y mantenimiento. Madrid - MOPU - Secretaria General Técnica, Centro de publicaciones, Ministério de Obras Públicas y Urbanismo.

SEBENTAS D' ARQUITECTURA, 2001. O lugar, nº3, Lisboa: Universidade Lusíada.

TÁVORA, Fernando. 1996. Da Organização do Espaço. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

TRIGUEIROS, Luiz; **SAT**, Claudio; **OLIVEIRA**, Cristina. 1998. Exposição Mundial de Lisboa: Arquitectura. Lisboa: Editorial Blau.

TURMA C. Fevereiro 2007. O espaço público como elemento privilegiado da projecção urbana: Cidade de Braga.

VIA Arquitectura. 1997: Usos públicos. nº2. Colégio oficial de arquitectos de la comunidad valenciana Editorial Board.

Fontes disponibilizadas na Internet

AGUILERA, Fernando Gómez. Março 2004. Arte, ciudadanía y espacio público. On the waterfront nr. 5. Fundación César Manrique.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://www.ub.edu/escult/Water/N05/W05_3.pdf](http://www.ub.edu/escult/Water/N05/W05_3.pdf)

ALBATROZ. 2006. Mobilidade Urbana Sustentável: O impacto das empresas e dos seus trabalhadores, BCSD Portugal. Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável.

Disponível no dia: 25.05.2009

Fonte: [Http://www.bcsdportugal.org/files/600.pdf](http://www.bcsdportugal.org/files/600.pdf)

BONGESTABS, Mônica de Lacerda Gomara. 2007. Quadro urbano-social das idades média e moderna. Habitat e Sociedade: Idade Média – Idade Moderna.

Disponível no dia: 01.07.2009

Fonte: [Http://www.fag.edu.br/professores/monicalgb/IEH/AULA_3_IEH_QUADRO_M%C9DIA_MODERNA_2007_1.doc](http://www.fag.edu.br/professores/monicalgb/IEH/AULA_3_IEH_QUADRO_M%C9DIA_MODERNA_2007_1.doc)

BORJA, Jordi. Espacio público, condición de la ciudad democrática: La creación de un lugar de intercambio. Edições Alcaldía Mayor y la Cámara de Comercio de la capital colombiana.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://normativaurbana.blogspot.com/2007/09/espacio-pblico-condicin-de-la-ciudad.html](http://normativaurbana.blogspot.com/2007/09/espacio-pblico-condicin-de-la-ciudad.html)

CANALES, Carlos Priego González. 2004. El paisaje y los espacios públicos urbanos en el desarrollo de las sociedades.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://www.mma.es/portal/secciones/formacion_educacion/reflexiones/2004_05priego.pdf](http://www.mma.es/portal/secciones/formacion_educacion/reflexiones/2004_05priego.pdf)

CASAS, Xavier Gimenez; **AMAT**, Rafael Milán. 2005. El espacio público intermedio.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://www.gestiopolis.com/Canales4/factoria/114.htm#](http://www.gestiopolis.com/Canales4/factoria/114.htm#)

CAVALCANTE, Roberta Paiva. 2009. Praça Anthenor Navarro: Análise dos pontos positivos e negativos de sua revitalização.

Disponível no dia: 01.07.2009

Fonte: [Http://www.webartigos.com/articles/18334/1/praca-anthenor-navarro-analise-dos-pontos-positivos-e-negativos-de-sua-revitalizacao-/pagina1.html](http://www.webartigos.com/articles/18334/1/praca-anthenor-navarro-analise-dos-pontos-positivos-e-negativos-de-sua-revitalizacao-/pagina1.html)

Conceptualización del Espacio Público. Universidad nacional de Colômbia.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://www.unalmed.edu.co/~paisaje/doc4/concep.htm](http://www.unalmed.edu.co/~paisaje/doc4/concep.htm)

FADIGAS, Leonel, 2006. Espaço Público e Qualidade Urbana – Faculdade de Arquitectura UTL.

Disponível no dia: 07.11.2008

Fonte: [Desconhecida](#)

FRANCISCO, Marlene Duarte. Abril 2006. Espaço público urbano: Oportunidade de Identidade Urbana Participada.

Disponível no dia: 01.07.2009

Fonte: [Http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf)

GABARDO, Marta Maria Bertan Sella. Dezembro 2001. A forma urbana e sua compreensão.

Disponível no dia: 01.07.2009

Fonte: [Http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/FACET/FACET%2025/PDF/Art%205.pdf](http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/FACET/FACET%2025/PDF/Art%205.pdf)

GRAÇA, Manuel Silva. 2007. Não à privatização do espaço público: Espaços Públicos e Uso Colectivo de Espaços Privados.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://www.ecoblogue.net/index.php?option=com_content&task=view&id=442&Itemid=34](http://www.ecoblogue.net/index.php?option=com_content&task=view&id=442&Itemid=34)

GUERREIRO, Ruth Marcela Diaz. El espacio público como escenario.

Disponível no dia: 20.05.2009

Fonte: [Http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UPC/AVAILABLE/TDX-0622101-091501//TESIS.pdf](http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UPC/AVAILABLE/TDX-0622101-091501//TESIS.pdf)

IGLESIAS, Brenda. 2007. Identidad cultural y espacio público. Crónica urbana: arquitectura, patrimonio, e identidad ciudadana.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://www.saber.ula.ve/eventos/espaciospublicos2007/docs/lunes/brenda_iglesias_2.pdf](http://www.saber.ula.ve/eventos/espaciospublicos2007/docs/lunes/brenda_iglesias_2.pdf)

KOLEKTIBOA, Hiria. Espacio Público y Lugares: La gestión de la complejidad: Dossier Zehar.

Disponível no dia: 19.05.2009

Fonte: [Http://www.arteleku.net/zehar/wp-content/uploads/2008/01/hiria_kol_esp_euskindd.pdf](http://www.arteleku.net/zehar/wp-content/uploads/2008/01/hiria_kol_esp_euskindd.pdf)

LAMB, Richard. 2004. Idéia, Método e Linguagem.

Disponível no dia: 04.09.2009

Fonte: [Http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/arq1101/trabalhos_alunos_041/Richard/4.%20Bacon%20%20Design%20of%20Cities.pdf](http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/arq1101/trabalhos_alunos_041/Richard/4.%20Bacon%20%20Design%20of%20Cities.pdf)

PALLADINO, Juan Pablo. Revista Teína. nº 04 "La ciudad" - La ciudad: entre la reivindicación del espacio público y la privatización de la vida.

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://www.revistateina.com/teina/web/Teina4/dossierespaciopublico.htm](http://www.revistateina.com/teina/web/Teina4/dossierespaciopublico.htm)

PERAHIA, Raquel. 2007. Las ciudades y su espacio público. IX Coloquio Internacional de Geocrítica. Los problemas del mundo actual. Soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales.

Disponível no dia: 01.07.2009

Fonte: [Http://www.ub.es/geocrit/9porto/perahia.htm](http://www.ub.es/geocrit/9porto/perahia.htm)

PINHEIRO, Eloísa Petti. 2002. A história urbana através do desenho e do projecto da cidade. XIV Congresso Internacional de Engenharia Gráfica.

Disponível no dia: 16.07.2009

Fonte: [Http://departamentos.unican.es/digteg/ingegraf/cd/ponencias/314.pdf](http://departamentos.unican.es/digteg/ingegraf/cd/ponencias/314.pdf)

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco.2008. Braga entre a época romana e a idade Moderna: Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana; Universidade do Minho - Instituto de ciências sociais.

Disponível no dia: 01.07.09

Fonte: [Http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8113/4/MCRibeiro_PhD_Anexos_e_Apendices.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8113/4/MCRibeiro_PhD_Anexos_e_Apendices.pdf)

ROA, Alberto Saldarriaga. 1996. Espacio público y calidad de vida. Ciudad y habitat nº 3

Disponível no dia: 05.11.08

Fonte: [Http://209.85.135.104/search?q=cache:ky8lATN84J:www.barriotaller.org.co/debates/Espacio%2520publico%2520y%2520calidad%2520de%2520vida.doc+%22espacio+publico+y+calidad+de+vida%22&hl=pt-PT&ct=clnk&cd=1&gl=pt](http://209.85.135.104/search?q=cache:ky8lATN84J:www.barriotaller.org.co/debates/Espacio%2520publico%2520y%2520calidad%2520de%2520vida.doc+%22espacio+publico+y+calidad+de+vida%22&hl=pt-PT&ct=clnk&cd=1&gl=pt)

SARAIVA, Manuel.2008. Prorratear la historia, distribuir el teatro.

Disponível no dia: 16.07.2009

Fonte: <http://urblog.org/index.php/Mundos/2008/01/08/p205>

SERDOURA, Francisco M; **SILVA**, F. Nunes. 2006. Espaço Público. Lugar de Vida Urbana. nº27, *Engenharia Civil, UM.*

Disponível no dia: 20.05.2009

Fonte: http://www.civil.uminho.pt/cec/revista/Num27/n_27_pag_5-16.pdf

VIÑOLY, Rafael.2003. Definiendo el espacio público: la arquitectura en una época de consumo compulsivo. Centro cultural del bid.

Disponível no dia: 01.07.2009

Fonte: <http://iadbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=1776743>